

**O FEITIO DA CANOA CAIÇARA DE UM SÓ TRONCO:
A cultura imaterial de uma nação, em 25 linhas.**



Dossiê para instrução de processo de registro de bem cultural de natureza imaterial junto ao IPHAN.

Texto: Peter Santos Németh.
Colaboração: Luiz Bargmann Netto.
São Paulo, 25 de novembro de 2011.

SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO	3
2- INTRODUÇÃO	3
3- AS ORIGENS DA CANOA MONÓXILA	4
Pré-história e História	4
O surgimento na Europa	5
A canoa no Pacífico	6
O surgimento na África	6
A canoa nas Américas	7
4- AS CANOAS BRASILEIRAS	9
A canoa do litoral brasileiro	12
O desenvolvimento das canoas litorâneas	13
5- A TIPICIDADE DAS CANOAS	14
A canoa caiçara	15
A canoa, o caiçara e seu território	17
Os sítios de ocorrência	17
6- O OFÍCIO DO MESTRE CANOEIRO: DO SIMBÓLICO PARA O MATERIAL ...	19
7- O PROCESSO DO FEITIO TÍPICO DA CANOA CAIÇARA	22
7.1- A escolha	22
7.2- Tipos de árvores	22
7.3- A derrubada	23
7.4- O corte da canoa	23
7.5- A puxada	30
7.6- O acabamento grosso	31
7.7- O acabamento fino	33
7.8- A pintura e a conservação	34
8- AS FERRAMENTAS DO OFÍCIO	35
9- A CANOA CAIÇARA, SUAS PARTES E ACESSÓRIOS	36
9.1- Os remos	36
9.2- O traquete	39
9.3- Os rolos	40
9.4- A cuia	41
9.5- A faca	41
9.6- A poita	41
10- A SALVAGUARDA	41
11- FONTES BIBLIOGRÁFICAS	45
12- ANEXOS	51
Glossário	51
Ofício APE nº04/2007	60
Cartas de apoio	61

1- APRESENTAÇÃO

Este dossiê condensa 10 anos de pesquisas sobre a pesca artesanal caiçara com canoas de um só tronco. Durante este tempo vivenciei diariamente as artes da pesca tradicional de subsistência junto aos pescadores caiçaras de Ubatuba, estado de São Paulo, principalmente com a comunidade da Praia da Enseada, onde 99% da faina pesqueira ainda é praticada em canoas a remo.

A *Canoa Caiçara* é uma embarcação especialmente desenvolvida e adaptada para a pesca costeira de subsistência que ocorre no litoral sul fluminense, paulista, até o litoral norte paranaense. Sua produção totalmente artesanal é de domínio exclusivo de poucos mestres canoeiros ainda em atividade, que utilizando saberes e fazeres ancestrais transmitidos de geração em geração através da oralidade¹, conservam este patrimônio cultural capaz de assegurar a autonomia desta população tradicional em plena harmonia com o ambiente marinho e terrestre em que vivem.

A cultura caiçara relacionada a construção de canoas corre o risco de desaparecer devido à falta de interesse de seus herdeiros em continuar a atividade, seja pela baixa remuneração, pela dificuldade do trabalho ou pela legislação ambiental que dificulta o acesso às matérias-primas.

Torna-se necessário portanto não apenas garantir o acesso sustentado do caiçara aos grandes troncos de árvores, mas também resgatar e valorizar seu universo cultural tradicional para que as novas gerações se interessem, se envolvam, ampliem o conhecimento e o reproduza, perpetuando-o.

2- INTRODUÇÃO

A canoa esculpida em um único tronco de árvore denominada canoa caiçara, é uma embarcação que carrega em suas linhas habilmente entalhadas a associação direta à população dos pescadores caiçaras que habitam a faixa litorânea que vai do litoral sul fluminense, paulista, até o norte paranaense.²

Seu *design* especial com características próprias, desenvolvidas e aperfeiçoadas visando garantir para esta atividade pesqueira tradicional a máxima funcionalidade e segurança com a mínima manutenção e gasto energético, garantiu a sobrevivência desta população caiçara em perfeita harmonia com o ambiente natural em que se inserem até os dias atuais.

A canoa caiçara desperta a curiosidade e admiração naqueles que a conhecem pela primeira vez, pelo fato de ser construída a partir de um único tronco de madeira. Também é motivo de veneração quase mística por aqueles que conhecem profundamente suas qualidades e segredos, que se revelam apenas durante os anos de intimidade diária nas pescarias de subsistência.

¹ Roberto Verschleisser, **Com quantos paus se faz uma canoa um estudo de casos** 1990. Dissertação Escola de Belas Artes-UFRJ.

² Antonio Carlos Diegues, **Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades ciçaras** 1988. NUPAUB-USP e Wanda Maldonado, **Da mata para o mar: a construção da canoa caiçara em Ilhabela/SP** 2001. Dissertação PROCAM-USP.

Objeto de raros estudos sobre suas características e técnicas construtivas, reunindo aspectos simbólicos, étnicos, técnicos e ergológicos, cujos únicos detentores destes saberes tácitos são os mestres caiçaras construtores de canoas de um só tronco, a canoa caiçara ainda carece do reconhecimento oficial como patrimônio cultural do povo caiçara.

Este dossiê reunindo fotos, relatos, estudos, pesquisas, vídeos e documentos relativos à descrição sistemática e pormenorizada do modo de fazer e dos saberes, junto com técnicas de uso de ferramentas, relacionados à canoa caiçara, tem por objetivo instruir o processo de tombamento dos saberes e fazeres relacionados à canoa caiçara de um só tronco produzida em território caiçara, para registro no Livro de Registro de Saberes junto ao IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como bem cultural de natureza imaterial do Brasil, baseando-se nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, Decreto nº 3.551 de 4 de agosto de 2000 e no Decreto Federal nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007.

3- AS ORIGENS DA CANOA MONÓXILA

“As canoas são embarcações monóxilas, ou seja, feitas a partir de um único tronco de madeira escavado. Intimamente relacionadas à invenção da navegação, existiram em todos os continentes e foram utilizadas por praticamente todos os povos primitivos.

*Aparentemente toscas, sobrevivem há milênios graças à facilidade construtiva e ao seu poder de se moldar às necessidades.”*³

Pré-história e História

Em artigo sobre as canoas, Dauto da Silveira⁴ nos revela:

“Para navegar, ou seja, atravessar uma superfície líquida sem se molhar, o homem pré-histórico provavelmente uniu vários pedaços de árvores, criando uma balsa. Depois, escavou um tronco, criando a canoa, primeiro barco verdadeiro. O homem construiu as primeiras canoas escavando troncos grossos com o auxílio de fogo e machados de pedras, em um penoso processo que trazia como recompensa sólidas embarcações.”

Os machados e os enxós da idade da pedra foram essencialmente os meios de produção para as comunidades pré-históricas tardias que já dominavam a arte de escavar árvores com o uso do fogo para utilizar o tronco oco resultante como meio de transporte, o que é comprovado por achados arqueológicos.

As comunidades mesolíticas passaram a fazer acampamentos especializados em atividades como a pesca e a coleta de mariscos bem como uma espécie de sedentarização sazonal, fixando-se durante uma estação em alguns entrepostos especializados (fig. 1).

³ Em <http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/canoas.htm>

⁴ Em http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=14349

Foi neste ambiente que surgiram os primeiros troncos sistematicamente escavados pelo homem com a finalidade de servir como embarcações.



1

A embarcação mais antiga já encontrada foi uma canoa de pinheiro escavado encontrada em Pesse na Holanda e datada entre 8.200 e 7.510 anos a.C.. Ela mede quase 3 metros de comprimento, e 40 cm de largura (fig. 2). A canoa, que está agora no Museu Drents, Assen, Holanda, foi encontrada em 1955 durante a construção de uma estrada.



2

O surgimento na Europa

O Mesolítico foi um período da pré-história que só ocorreu em regiões que sofreram os maiores efeitos das glaciações. No decorrer dessas glaciações, amplas áreas do hemisfério norte e algumas do hemisfério sul ficaram cobertas por uma espessa camada de gelo. Toda a Europa setentrional, Canadá e parte dos Estados Unidos, assim como algumas zonas do norte da Ásia e da América do Sul, tinham aspecto semelhante ao dos círculos polares atuais.

Devido à falta de troncos de árvores de grande porte durante o último período glacial que durou entre 30 e 12 mil anos atrás, e apenas com a recuperação das florestas após o degelo, pode-se concluir que troncos grandes o suficiente para esculpir canoas não poderiam existir na Europa antes do surgimento dos grandes bosques temperados mesolíticos.

Atualmente as “haabjas“ da Estônia (fig. 3), são as canoas monóxilas européias que mais se destacam quanto as suas técnicas construtivas, incrivelmente similares às das tribos yanomami amazônicas.⁵



A canoa no Pacífico

Há cerca de três mil anos as canoas já eram parte essencial na vida das civilizações do Oceano Pacífico.

O enxó, pequena enxada com lâmina de pedra, concha ou jade para entalhar madeira foi o que permitiu esse avanço náutico (fig. 4). O enxó era considerado um instrumento religioso e sagrado, sendo abençoado em rituais e venerado pelas civilizações marítimas. As árvores na Polinésia eram selecionadas por sacerdotes em função do seu espírito, ou "mana", e abençoadas antes do seu corte.

O surgimento na África

A embarcação mais antiga já encontrada na África conhecida como Canoa de Dufuna (fig. 5) foi descoberta na Nigéria perto da região do Rio Yobe em 1987, na Vila Dufuna. Testes realizados em laboratórios indicam que a canoa tenha por volta de 8.000 anos, tornando-se assim a terceira embarcação mais antiga do mundo já encontrada.

O arqueólogo Peter Breunig, da Universidade de Frankfurt, analisando sua sofisticação estilística, argumenta:

“É altamente provável que a Canoa Dufuna não represente o início de uma tradição, mas algo que já tenha sofrido um longo desenvolvimento, e que as origens do transporte aquático na África são ainda mais antigos no tempo”.⁶

⁵ Em <http://www.youtube.com/watch?v=uDX2BzUFQA4> .

⁶ P. Breunig, *The 8000-year-old dugout canoe from Dufuna (NE Nigeria)*, G. Pwiti and R. Soper (eds.), *Aspects of African Archaeology. Papers from the 10th Congress of the PanAfrican Association for Prehistory and related Studies*. University of Zimbabwe Publications (Harare 1996) 461-468, em <http://wysinger.homestead.com/canoe.html>.



5



6

Mais antigas que a canoa de Dufuna são a de Pesse, Holanda, e Noyen-sur-Seine, França, reproduzida acima (fig. 6).

A canoa nas Américas

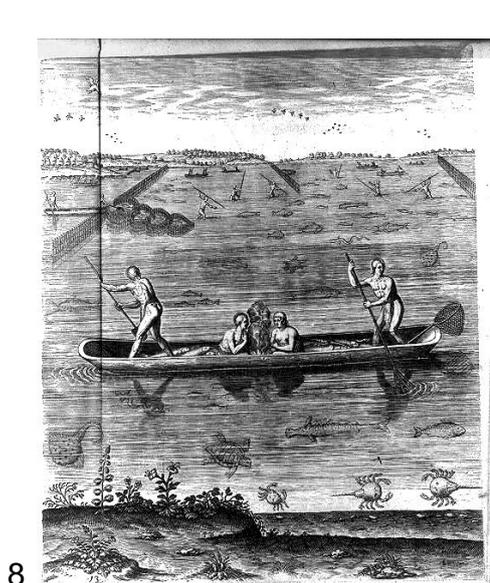
No diário da primeira viagem de Cristóvão Colombo às Américas⁷, de 1492, encontramos no registro do dia 26 de outubro a primeira vez em que é grafada a palavra canoa para definir especificamente este tipo de almadia americana:

“Sábado, 13 de octubre”. “Luego que amaneció vinieron a la playa muchos de estos hombres, todos mancebos, como dicho tengo, y todos de buena estatura, gente muy hermosa: los cabellos no crespos, salvo corredios y gruesos, como sedas de caballo, y todos de la frente y cabeza muy ancha más que otra generación que hasta aquí haya visto, y los ojos muy hermosos y no pequeños, y ellos ninguno prieto, salvo de la color de los canarios, ni se debe esperar otra cosa, pues está Este Oeste con la isla de Hierro, en Canaria, bajo una línea. Las piernas muy derechas, todos a una mano, y no barriga, salvo muy bien hecha. Ellos vinieron a la nao con almadías, que son hechas del pie de un árbol, como un barco luengo, y todo de un pedazo, y labrado muy a maravilla, según la tierra, y grandes, en que en algunas venían cuarenta o cuarenta y cinco hombres, y otras más pequeñas, hasta haber de ellas en que venía un solo hombre. Remaban con una pala como de hornero, y anda a maravilla; y si se le trastorna, luego se echan todos a nadar y la enderezan y vacían con calabazas que traen ellos.”

⁷http://es.wikisource.org/wiki/Diario_de_a_bordo_del_primer_viaje_de_Crist%C3%B3bal_Col%C3%B3n:_texto_completo, grifo meu.

“Viernes, 26 de octubre”. “Estuvo de las dichas islas de la parte del Sur. Era todo bajo cinco o seis leguas; surgió por allí. Dijeron los indios que llevaba que había de ellas a Cuba andadura de día y medio con sus almadías, que son navetas de un madero adonde no llevan vela. Estas son las canoas. Partió de allí para Cuba, porque por las señas que los indios le daban de la grandeza y del oro y perlas de ella, pensaba que era ella, conviene a saber: Cipango.”

Gravuras de Theodor de Bry, baseadas em aquarelas de John White, em “Admirandas Narratio”, estão entre os primeiros registros iconográficos dos nativos americanos construindo e pescando em suas canoas monóxilas na região da Virgínia, América do Norte em 1585 (figs. 7 e 8).



Em “Payaguá: os senhores do rio Paraguai”, dissertação de mestrado de Magna Lima Magalhães, o capítulo seis é todo dedicado à cultura material destes indígenas que dominaram a região do Rio Paraguai, ao sul do continente americano. À página 137 no item 6.1.4 Canoas e remos, fica demonstrada a enorme importância estratégica da canoa para este amplo domínio regional, bem como a sua dimensão material dentro da cultura Payaguá. O estudo também nos fornece elementos valiosos sobre os aspectos relativos às trocas culturais entre os primeiros europeus e os nativos, envolvendo as monóxilas sul-americanas.

Aprofundando-se um pouco mais na cultura Payaguá, pelos relatos de S. J. Martin Dobrizhoffer de 1784⁸, encontramos à página 152, mais uma descrição do modo de fazer e uso da canoa em seu dia a dia:

“Estos espectáculos diarios sobre el río Paraguay merecerían ser vistos también por Europeos. Igualmente la construcción de sus canoas, a la par del empleo que de ellas hacen, es digna de que se los admire [pero también] compadezca. El fuego y las hachas de piedras son las únicas herramientas con

⁸ Historia de los Abipones, 1967 em http://www.bvp.org.py/biblio_htm/dobrizhoffer1/dos.htm.

las cuales ahuecan muy artificiosamente conservando el equilibrio los árboles más grandes. Tienen canoas de dos clases. Las más chicas para la pesca y viajes diarios; las más grandes, que pueden contener bien cuarenta hombres, para la guerra.”

4- AS CANOAS BRASILEIRAS

O Brasil é o país com a maior variedade de canoas do mundo⁹.

Já utilizadas muito antes do ano 1.500 pelos indígenas no litoral, na Amazônia, no Pantanal e nos rios do interior brasileiro, as canoas brasileiras receberam novas influências e detalhes com a chegada dos portugueses e depois dos escravos africanos, a primeira adaptação foi o uso da vela¹⁰.

Muitas adequações aconteceram ao longo dos tempos, em função de condições diferentes de mar, ventos, pesca, madeiras e necessidades de cada uma das baías, enseadas, praias, ilhas, estuários e cursos d'água do litoral e interior deste país continental. Assim surgiu uma enorme variedade deste tipo de embarcação ainda encontrada em todo o Brasil.

Podemos resumir essa diversidade em quatro famílias principais: canoas do litoral sul/sudeste, do nordeste, do norte e do interior, estas representadas principalmente pelas embarcações da Amazônia e do Pantanal.

Entre as embarcações monóxilas brasileiras, aquelas denominadas canoas de um só tronco escavado, podem ser divididas em duas famílias principais:

- 1- As canoas ribeirinhas**, que percorrem nossos rios, lagoas, mangues, e estuários;
- 2- As canoas do litoral**, quem enfrentam as águas mais expostas e revoltas do mar.

*Em “cada local existe um tipo de embarcação que é a síntese de todas as condições meteorológicas, de navegabilidade, naquele trecho da costa, o que nem sempre pode ser encontrado em outra região”.*¹¹

Esta diferença das características do ambiente em que a canoa está inserida é determinante na elaboração das suas características estruturais físicas e estéticas, e responsável pela grande diversidade de tipos existentes no Brasil.

*“De uma maneira geral, pode-se afirmar que as canoas do interior do país guardaram mais as suas origens indígenas no formato dos cascos, nos remos, na ausência de velas e na falta de pinturas vivas. No litoral, de onde os índios foram quase que totalmente expulsos ainda no século XVI, prevaleceram modelos africanos, europeus ou asiáticos”.*¹²

⁹ Museu Nacional do Mar <http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/canoas.htm>.

¹⁰ Wanda Maldonado, “Da mata para o mar: a construção da canoa caiçara em Ilhabela/SP”, 2001 e Museu Nacional do Mar <http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/canoas.htm>.

¹¹ Depoimento extraído do vídeo “Do Tejo ao Tietê” direção de Mario Kuperman, São Paulo 2000.

¹² Museu Nacional do Mar <http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/canoas.htm>.

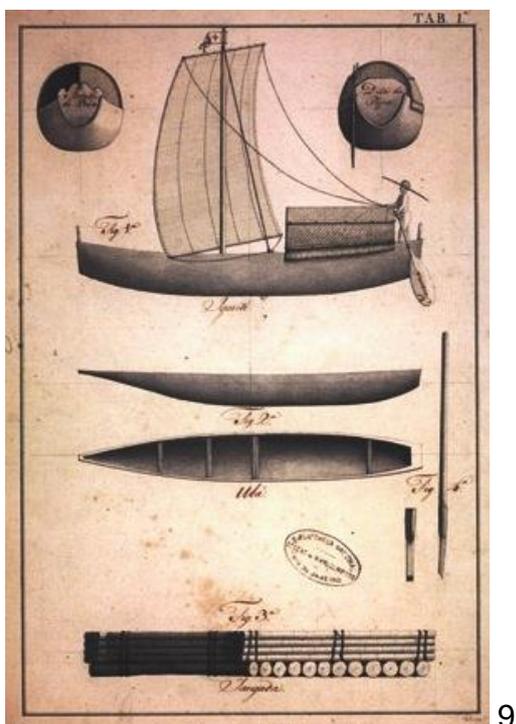
Verschleisser nos narra em sua tese “Com quantos paus se faz uma canoa: um estudo da canoa caiçara” de 1990, que os primeiros colonos portugueses encontraram apenas dois tipos de embarcações nos mares e rios brasileiros: as jangadas e as canoas, sendo as jangadas ou “piperis” feitas de paus roliços atados com embira, sem vela nem bolina, navegando impulsionados por varejões e as canoas monóxilas divididas entre ubás, pirogas, e montarias.

As ubás podiam ser de tronco escavado a fogo, machado e enxó ou feitas da casca grossa do jatobá passando a chamar-se “igaras”.

Já as pirogas eram escavadas como as ubás, no entanto, em seu processo de esvaziamento do tronco, eram deixados 2 ou 3 blocos maciços da própria madeira para reforço da estrutura interna da canoa.

As montarias eram canoas menores, obtidas a partir de um tronco escavado em meia-cana com o bojo mantido aberto por bancos transversais e as extremidades afiladas a fogo ou lavra e tampadas por uma peça discóide chamada “rodela”, sendo que, quando possuíam uma cobertura fixa na popa de palha ou madeira passavam a denominar-se “igarité” ou canoa verdadeira em língua Tupi.

Verschleisser cita ainda o registro de Alexandre Rodrigues Ferreira¹³ em “*Expedição Filosófica*”, onde se encontra a prancha reproduzida abaixo (fig. 9), mostrando de cima para baixo a igarité, a ubá e a jangada.



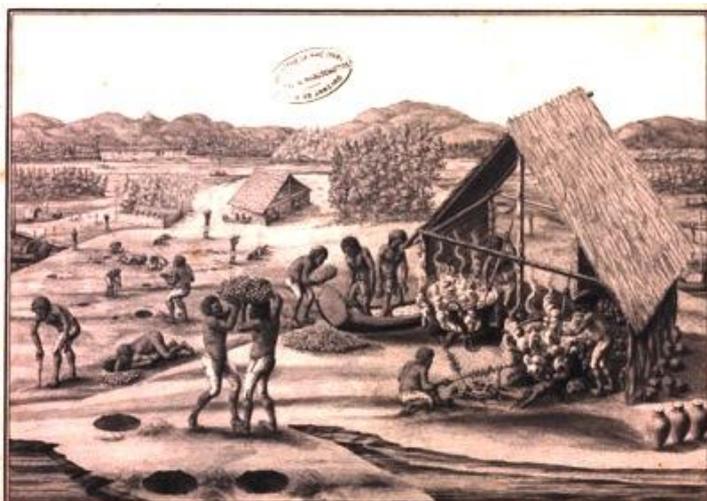
Aprofundando-nos um pouco mais nas pranchas de Alexandre Rodrigues Ferreira disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional encontramos mais algumas ilustrações onde a canoa é retratada no cotidiano vivo dos nativos,

¹³ Em Expedição Philosophica do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyaba, 1784 – 1792. Fundação Biblioteca Nacional – Divisão de Manuscritos, Rio de Janeiro, Brasil, em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1255454/mss1255454.pdf.

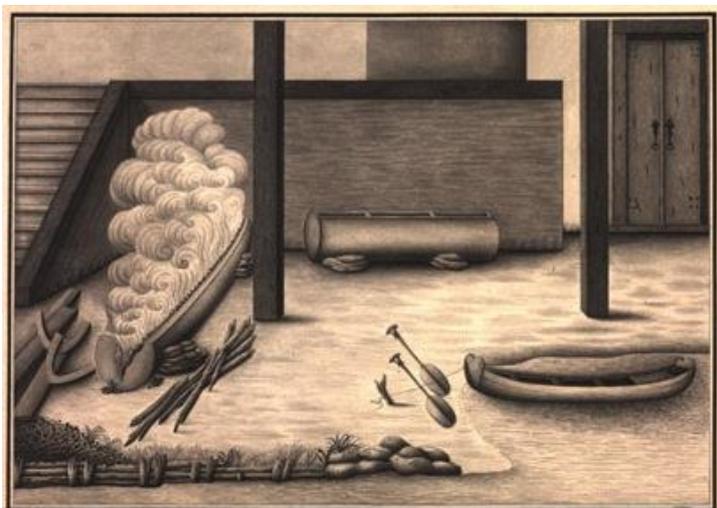
sendo utilizada para caçar e como recipiente para esmagar os ovos de tartaruga (fotos 10 e 11), além de um belíssimo registro mostrando o modo de produção em uma autêntica oficina de confecção de canoas do tipo montaria (fig. 12).



10

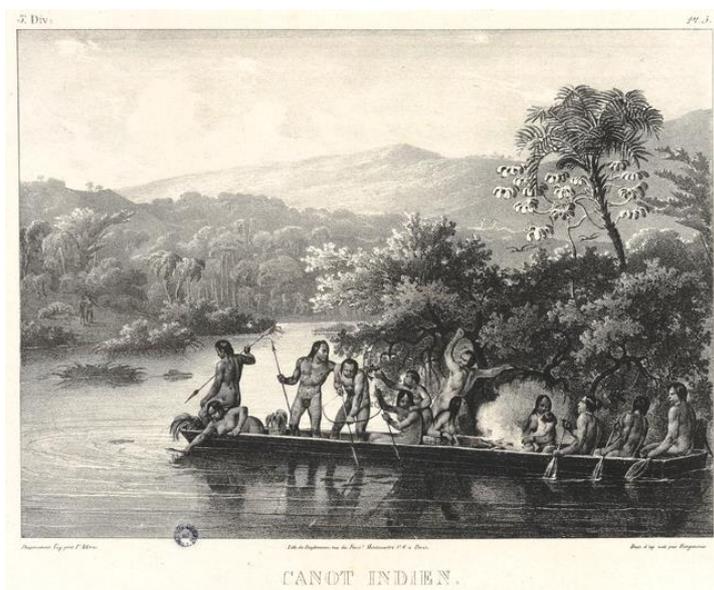


11



12

Ainda nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional, também encontramos a famosa prancha de Victor Adams¹⁴ chamada “*Canot indien*”, ou seja, canoa indígena, que integra a obra “*Viagem pitoresca através do Brasil*” de Rugendas, 1835, só que esta de tema bem mais romantizado (fig. 13).



13

Percebe-se nestes registros, que a enorme diversidade de embarcações genericamente chamadas de canoa, estiveram sempre presentes no cotidiano das populações anfíbias espalhadas por todo o território brasileiro, antes, durante e depois do desbravamento deste imenso país. E ainda hoje são fundamentais para sustentar o modo de vida dos brasileiros que sobrevivem autonomamente, perfeitamente adaptados aos rios e mares de nosso país continental.

A canoa do litoral brasileiro

No litoral brasileiro, muito antes da chegada dos navegadores europeus e até mesmo dos grupos indígenas pré coloniais, já havia primitivos grupos humanos organizados em sociedade, habitando nosso litoral entre 9.000 e 1.000 anos atrás, chamados de Sambaquieiros.

Segundo o estudo¹⁵ de Márcia Regina Teixeira da Encarnação:

“Os homens dos sambaquis, nesta região, teriam constituído um grupo humano (...) adaptado às condições de vida impostas pelas características geográficas da planície costeira marinha e pelo sistema lagunar. Suas canoas devem ter singrado as águas das lagunas e os rios regionais, por todos os recantos, vasculhando aquela homogênea região geográfica. Os homens dos sambaquis constituíram ali, uma civilização de canoeiros e um grupo humano conchófago e ictiófago por excelência.”

¹⁴ Em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994/icon94994_129.jpg.

¹⁵ Registros sociogeolinguísticos em São Sebastião: A presença do elemento indígena e a influência do português colonizador”, 2010, citando AbSaber & Besnard, 1953:220.

Pode-se portanto supor, pela grande ocorrência de achados arqueológicos ao redor de todo o globo associando as canoas monóxilas com civilizações anfíbias primitivas, que a descoberta da utilidade de um tronco escavado como meio de transporte eficiente, seja invenção óbvia e até mesmo inerente ao gênero humano.

O desenvolvimento das canoas litorâneas

Das praias do sul até as do norte do Brasil, existem diversas variedades, como as canoas bordadas e as de borda lisa do sul e sudeste, as chacreiras do Rio Grande do Sul, a canoa baiana, considerada a “rainha das canoas brasileiras” pelo almirante Antônio Alves Camara, as canoas costeiras e as montarias do Maranhão¹⁶.

Quanto à influência, no desenvolvimento das embarcações indígenas brasileiras, do conhecimento náutico acumulado e sistematizado pelo navegador ibérico, através de trocas culturais entre outros povos de tradição náutica, como árabes, chineses, indianos e africanos ocorridas principalmente durante o século XVI, Francisco J. S. Alves, pesquisador português nos dá uma pista em seu estudo, *“Nas fronteiras da etno-arqueologia náutica: as pirogas milenares do rio Lima”*, de que as monóxilas já eram conhecidas pelos lusitanos, bem antes do primeiro contato europeu com os nativos americanos:

*“As canoas ou pirogas talhadas num só tronco de árvore constituem o tipo de embarcação mais antigo e de mais longa perduração em todos os continentes, nomeadamente o europeu, em que existem às centenas desde o Mesolítico até à actualidade. Descritas por Estrabão há dois mil anos como embarcações típicas do litoral da Lusitânia, apenas duas pirogas monóxilas, entretanto desaparecidas, foram referenciadas nos finais do século XIX por Estácio da Veiga. Quase cem anos depois, viriam finalmente a aparecer três pirogas medievais no rio Lima, duas nas imediações do lugar da Passagem, local por coincidência inserido no roteiro medieval dos caminhos de Santiago. Por sua vez, neste mesmo local do rio Lima, em 2002 e 2003, apareceram sucessivamente duas novas pirogas com mais de dois mil anos, as quais vieram evocar diversas e importantes problemáticas de âmbito histórico, arqueológico e técnico.”*¹⁷

Ainda em outro estudo do já acima citado autor português, *“Canoas do Brasil: aproximação etno-arqueológica preliminar”*, Alves nos mostra a importância do acervo náutico ainda em uso em território brasileiro:

“Um recente e introdutório contacto no Brasil com diversos tipos de fontes etno-arqueológicas sobre embarcações tradicionais, nomeadamente canoas de casca e monóxilas (feitas de um só tronco de árvore), ainda em uso em diversas regiões do seu imenso território, e outras de maior antiguidade representadas em museus, além de ilustrarem a grande riqueza e diversidade

¹⁶ Artigo de Museu Nacional do Mar em <http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/canoas.htm>.

¹⁷ Em <http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/pdfRmibrulFs.pdf>.

de um patrimônio náutico em fase de extinção muito avançada, proporcionam uma reflexão que beneficia de algumas das mais antigas fontes escritas descrevendo os respectivos processos construtivos – o que por si só se inscreve com letras de ouro na história mundial das técnicas de construção primitiva de embarcações.”¹⁸

5- A TIPICIDADE DAS CANOAS

*“Uma área cultural naval é uma área que é definida pela distribuição contínua e contígua de elementos semelhantes. As embarcações de uma área cultural são diferentes de outras em função de fatores históricos e geográfico-ecológicos. É antes de mais nada, ajustar entre si, certos tipos de casco, certos tipos de vela, fatores ambientais e eficiência técnica”.*¹⁹

O Almirante Antônio Alves Camara em seu *“Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil”*, registrado em 1888²⁰, já evidencia as diferenças e particularidades de construção das canoas de uma região para outra, não só determinadas por condições ambientais mas também por questões culturais:

*“É certo que enorme é nossa costa, e por isso bem diversas as circunstâncias e condições de mar e de ventos: mas Bahia, Alagoas e Pernambuco, que relativamente tão próximas estão, e sujeitas às mesmas causas naturais de tempo e mar, conservam tipos singulares inteiramente desiguais quanto à forma do casco, mastreação e velame, e pode-se mesmo dizer que com o Amazonas, Pará e Rio de Janeiro são as províncias que mais se destacam em todo o Império quanto à originalidade de tipos de embarcações, sendo a Bahia a primeira quanto à variedade e número, segundo os mistérios a que estão destinadas. Esta particularidade constitui uma das mais convincentes provas da natural inclinação, gosto para vida do mar e intrepidez inatos nos filhos desta província, principalmente dos das costas e portos”.*²¹

Camara também registra as técnicas construtivas de uma canoa típica do litoral sudeste, que são praticamente as mesmas de que se utilizam os mestres caiçaras até os dias de hoje.

*“Na província do Rio de Janeiro o processo da construção apresenta algumas pequenas diferenças. Derrubado o pau, o falquejam com machado, dando-lhe a forma de um paralelepípedo, e depois a de casco bruto. Viram-no, desbastam por dentro com machado, e em seguida com enxó e goiva, furam em diversos lugares para marcarem a espessura da embarcação, e a esses furos, que servem de bitola, dão o nome de balisas”.*²²

Camara também identifica e evidencia semelhanças físicas e de técnica construtiva entre as canoas que ocorrem do Rio de Janeiro para o sul, território de ocorrência da canoa caiçara:

¹⁸ Em <http://www.anmpn.pt/eventos/2008/eventos20081009.htm>.

¹⁹ Depoimento extraído do vídeo *“Do Tejo ao Tietê”* direção de Mario Kuperman, S.P. 2000.

²⁰ Em Museu Imperial, <http://187.16.250.90:358/dami/handle/acervo/410>.

²¹ Camara *“Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil”* 1937 p.16.

²² Camara *“Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil”* 1937 p. 77.

“As canoas do Rio de Janeiro para o sul, muito se parecem, e a maneira de construí- las muito se assemelha. As províncias de São Paulo e de Santa Catarina são as que possuem maiores. Há ainda em Santos algumas, que fazem a pequena cabotagem para Iguape, armadas de uma, duas, e às vezes até de três velas redondas, como as das canoas do Rio”.²³

A canoa caiçara

Para definir o que torna uma canoa monóxila, a *canoa caiçara*, nos concentraremos neste registro não só nas semelhanças físicas e estéticas de seu *design*, mas principalmente nas características comuns das técnicas de construção empregadas pelos mestres em seu “feitio”, considerando também o território cultural em que estas particularidades comuns recorrentes estão inseridas ²⁴.

A canoa caiçara é então, não só o resultado da escavação sistemática de um único tronco de madeira, apresentando semelhanças estéticas e técnicas na parte de “tosamento”, de feitio das “garras” ou “patilhas”, do posicionamento e fixação dos bancos, do acréscimo caso necessário de “sobreproa”, “sobrepopa” e “bordadura” e do uso de acessórios comuns tais como remos e velas; mas principalmente a materialização física do conhecimento de uma técnica tradicional única, empregada em todas as suas etapas de construção, que ocorre dentro de um território cultural específico denominado *Caiçara*.

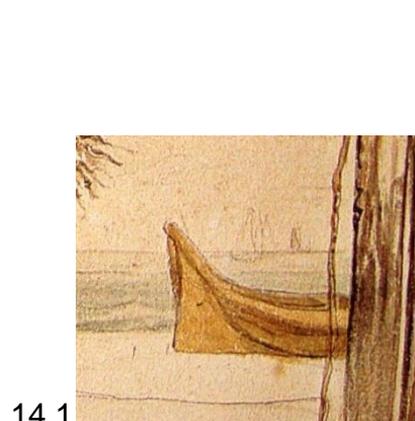
Aparentemente todas as canoas são iguais, mas o pescador caiçara experiente sabe distinguir características especiais da embarcação capazes de identificar a sua origem territorial, o uso a que se destina e qual mestre canoeiro a construiu, por um conteúdo singular denominado o “feitio da canoa”.

Uma dos primeiros registros iconográficos de uma canoa com as características “de feitio”, do que tentamos aqui definir como da canoa caiçara, é uma aquarela de 1826 denominada “*Negros fabricando vassouras com restos de cordas feitas de fibras de palmeiras*”, de Jean Batiste DeBret.

Nela podemos identificar claramente características do feitio de: garra de proa, proa, bergado, buçada, bordos e de toso que são idênticas às das canoas caiçaras atuais (figs. 14 e 14.1).



14

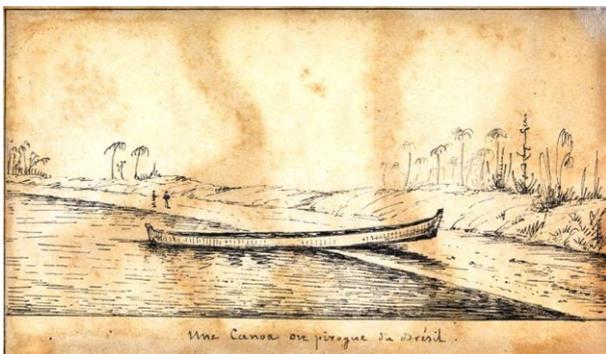


14.1

²³ Camara “*Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil*” 1937 p. 85.

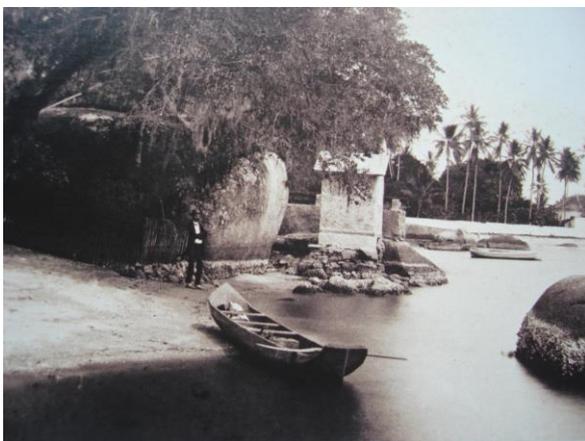
²⁴ Maldonado 2001:84.

Em 1837, um anônimo a bordo da fragata *Vênus* registrou o desenho denominado “*Vue canoe ou pirogue Du Bresil*”, onde ficam evidentes as linhas de uma canoa caiçara autêntica (fig. 15).



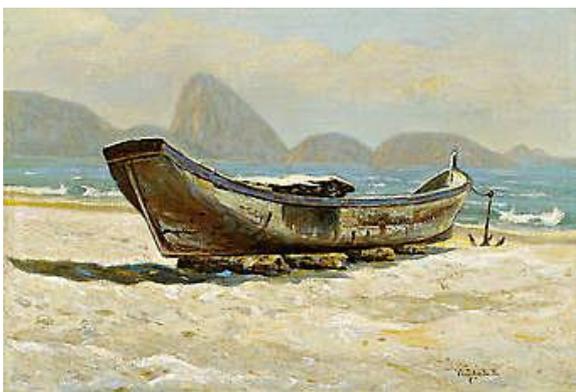
15

Outro registro importante é esta fotografia de Marc Ferrez²⁵, fotógrafo da marinha imperial, tirada em Paquetá, Rio de Janeiro em 1890, que já mostra por inteiro uma canoa tipicamente caiçara (fig. 16).



16

A tela intitulada “*Canoa no posto 6*”, obra de Virgílio Lopes Rodrigues, pintada em 1930, também registra uma bela canoa caiçara do tipo bordada, idêntica às atuais canoas caiçaras com acréscimo de bordadura (fig. 17).



17

²⁵ LAGO & LAGO. **Coleção Princesa Isabel fotos Marc Ferrez**, 2008. R.J. Capivara.

A canoa, o caiçara e seu território

No Brasil, a atividade pesqueira tradicional foi influenciada por diferentes culturas, principalmente a portuguesa, a indígena e a africana. Este legado permitiu o surgimento de culturas litorâneas regionais ligadas à pesca, entre elas a do caiçara no litoral entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

*“Segundo Geistdoerfer 1989, a Antropologia Marítima estuda a variedade e a complexidade dos sistemas técnicos, sociais e simbólicos elaborados pelas populações litorâneas no processo de apropriação do espaço marinho que daí retiram sua subsistência, pode-se falar em sociedades marítimas em relação a determinações gerais ligadas à localização geográfica ou ao tipo de atividades humanas, às quais estão associados saberes técnicos particulares (conhecimento do meio marinho, da fauna e da flora, técnicas de fabricação de embarcações, de navegação)”.*²⁶

Os sítios de ocorrência

Ao agregarmos o adjetivo “caiçara” à palavra canoa, estamos qualificando um tipo de embarcação, a canoa caiçara, tornando-a um objeto único, com características especiais associadas a uma população tradicional específica denominada *Caiçara*, possuidora de tradições, saberes e cultura próprios.²⁷

Em Enciclopédia Caiçara vol IV, 2005, à página 320, encontramos o seguinte mapa (fig. 18), delimitando a área de ocorrência da população tradicional caiçara contemporânea onde foram coletados depoimentos em comunidades dos litorais sul fluminense, paulista e norte paranaense.

Para se ter uma ideia da dimensão deste território, só dos 860 km de extensão do litoral paulista, 427 km são de suas 292 praias somadas.²⁸



²⁶ Diegues, A.C. 1999. A Sócio-Antropologia das Comunidades de Pescadores Marítimos no Brasil. *Etnográfica*, 3 (2): 361-375 em http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_361-376.pdf 26-09-11

²⁷ Maldonado 2001:84.

²⁸ Em <http://www.cidadespaulistas.com.br/prt/cnt/mp-litoral.htm>.

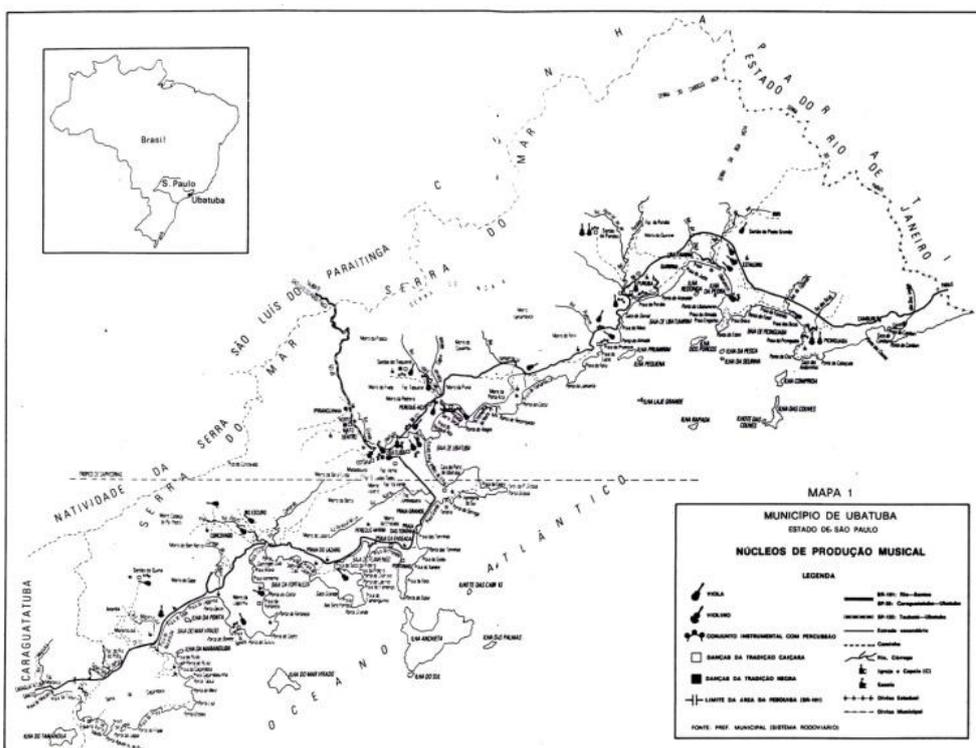
As populações caiçaras são comumente portadoras de uma cultura registrada apenas na memória dos mais velhos e transmitida pela oralidade, onde, num contexto de expropriação de suas terras pela especulação imobiliária e criação de unidades de conservação, a pesca e a navegação costeira são frequentemente as únicas atividades de subsistência possíveis.

Os diversos sítios terrestres e marítimos onde ocorre esta cultura caiçara similar pode-se dizer, é o território caiçara por excelência.

Kilza Setti²⁹ identifica que:

“Apesar da desorganização que tem atingido as comunidades litorâneas no processo ‘civilizatório’ ou ‘modernizador’, perderam-se traços culturais tradicionais, no entanto, observa-se que há nelas uma consciência grupal que favorece a preservação de alguns traços e manifestações culturais ancestrais”.

Em seu livro *“Ubatuba nos cantos das praias”*, 1985, Setti nos apresenta um belo mapa dos sítios de atuação e produção cultural da população caiçara que revela o território que ocupavam livremente pouco antes do processo de expropriação de suas terras iniciado nos anos de 1950 (fig. 19).



19

Este é um dos últimos registros fiéis do que um dia foi a dimensão territorial ocupada por esta cultura reconhecidamente caiçara no município de Ubatuba. A idéia da pesquisadora foi de *“sensibilizar os jovens caiçaras para a importância de seu patrimônio cultural imaterial estimulando-os a preservar suas tradições de forma a contribuir para recompor e melhor conhecer o seu produto cultural vernáculo”*.³⁰

²⁹ Em <http://www.memoriacaicara.com.br/projeto.html>.

³⁰ Em <http://www.memoriacaicara.com.br/projeto.html>.

Dentro deste território, a canoa caiçara é a última materialização da cultura e modo de vida genuinamente caiçara que resiste e ainda hoje pode ser detectada, embora ocorra em um território cultural muito menor e fragmentado. Segundo Maldonado (2001), a construção da canoa é uma das principais manifestações da resistência cultural de defesa do território caiçara e o elemento cultural que carrega em si a essência da identidade caiçara, sendo que através da canoa, as naturezas da terra e do mar se mesclam permitindo a plena expressão do “*ser caiçara*”.³¹

6- O OFÍCIO DO MESTRE CANOEIRO: DO SIMBÓLICO PARA O MATERIAL

A canoa caiçara é o símbolo maior da cultura caiçara.

Para a compreensão do significado da canoa caiçara para o grupo social que a produz e a utiliza é necessário entender conceitos básicos relacionados à cultura material, a própria concepção de cultura e suas particularidades, “*além da necessidade de se compreender a especificidade deste tipo de embarcação, ou seja, em que medida a canoa, tal como é construída nos dias de hoje, reflete uma sociedade, sua organização, suas representações e como aparece como marca registrada deste grupo*”³².

Na praia onde existe uma canoa, está o dono dela, que conhece a sua história. Sabe onde ela foi feita, quem a fez, com qual madeira, onde, quando e porquê. Ele pesca com esta canoa e conhece os segredos das artes de pesca, os diferentes peixes e seus hábitos. Conhece os pescadores por nomes antigos, as correntes de água, as marés, os ventos mansos e bravos, e quando não pode pescar conhece as trilhas, as roças, as “cavas de casas” que já não existem mais, os bichos do mato e as plantas. Ele possui e cultiva estes conhecimentos diariamente por simplesmente “saber fazer” e para “ensinar como” sobreviver aos seus descendentes.

Maldonado em sua tese “*Da mata para o mar: a construção da canoa caiçara em Ilhabela/SP*”, 2001, nos ensina que a mestrança, é o reconhecimento, ou status conquistado pelo artesão construtor de canoas por suas habilidades especiais em confeccionar uma canoa perfeita.

“*O mestre é aquele que conhece e domina o processo de construção da canoa por inteiro e coordena o trabalho dos ajudantes, seus aprendizes. O resultado do trabalho do mestre-canoeiro é uma canoa perfeita e a canoa perfeita é aquela que possui além das qualidades necessárias a navegabilidade, uma estética reconhecida pelos pescadores*”.³³

Explica ainda que a distinção social do mestre considera habilidades técnicas, carisma pessoal, capacidade didática, conhecimento, experiência e a guarda de segredos do ofício.

³¹ Maldonado 2001:137.

³² Maldonado 2001:08-09.

³³ Maldonado 2001:107.

É importante salientar que a canoa caiçara é construída baseada exclusivamente a partir de um modelo mental que segundo a autora³⁴ é aprendido pela observação e aprimorado pela busca da perfeição, garantindo ao mestre o reconhecimento da sua arte.

Este “savoir-faire”, (saber fazer), só existe na imaginação do mestre-canoeiro, não existindo um projeto em papel desenhado anteriormente.

*“A canoa é um material, é uma obra, entende, que não existe planta, a planta tá na memória da gente né.”*³⁵

Verschleisser cita³⁶ os “*sistemas materiais*”, [que são as complexas relações dos artefatos, não só com os processos tecnológicos de fabricação e uso, mas também, “com fatores comportamentais e outros que governam ou afetem a cultura material, bem como o corpo de matrizes mentais através das quais o artefato é gerado” (Reynolds, 1987:156)].

O autor complementa que “nas sociedades primitivas não existiam objetos inúteis, todos obedeciam a alguma diretriz precisa e todos eram a solução, mais adequada e única possível, para uma necessidade concreta”.³⁷

Verschleisser ensina que a cultura material de uma sociedade pode ser enfocada através de uma categoria de artefato ou um *espécimen* individual, não excluindo a possibilidade de se explorar aspectos amplos de informação e conceitos que vão além da categoria do objeto em questão.

E também que são definidas três dimensões importantes para uma aproximação correta do artefato, a saber: “O objeto em si, o contexto do objeto e o processo de fabricar o objeto e seu uso”.³⁸

Ainda segundo o autor, o contexto físico de um *espécimen* etnológico pode incluir outros tipos de objeto que com ele se relacionam, seja na manufatura e uso ou no entorno cultural, “sendo ideal estudar o objeto inserido no seu local de origem, sua relação com o meio, seu processo de fabricação e uso, o seu significado e a sua significância”.³⁹

Para Verschleisser⁴⁰, há pelo menos 300 anos a canoa, pelas suas qualidades marinheiras, robustez e durabilidade é o “*suporte material central*” e o “*veículo ideal e insubstituível*”, da pesca artesanal, integrando toda a comunidade no seu fazer e usar. Entretanto, a sua existência depende de conhecimentos técnicos não documentados, transmitidos apenas por via oral, cujo aprendizado não mais interessa aos herdeiros dos processos de fabricação, pois tornou-se uma atividade sazonal e pouco lucrativa com a escassez e valorização das grandes toras, restringindo ou interrompendo esta tradição. E que estas comunidades necessitam que se “*registre para preservar*” as técnicas de

³⁴ Maldonado 2001:109.

³⁵ Depoimento de Seu Ditinho em “O canto das canoas”, dirigido por Priscilla Ermel, 2006, LISA/USP, em <http://www.lisa.usp.br/producao/videos/catalogoCantoDasCanoasWMV.shtml>.

³⁶ Verschleisser 1990:10-11, citando Reynolds & Stott “Material systems, an approach to the study of Kuvandu material culture”, in Material Anthropology, 1987, University Press of America.

³⁷ Citando Jordi Llovet, “Ideologia y metodología del diseño”, 1979, Ed. Gustavo Gili, Barcelona.

³⁸ Verschleisser 1990:14.

³⁹ Reynolds & Stott 1987:18 em Verschleisser 1990:16-17,(grifo meu).

⁴⁰ Verschleisser 1990:04-05.

manufatura destas embarcações sob risco de perda de seus valores culturais próprios, também com a invasão de tecnologias estranhas ao seu meio.

Para a construção de uma canoa caiçara, usam-se conhecimentos antigos passados de geração em geração, e a cooperação da comunidade é determinante para o sucesso da empreitada e para a transmissão deste saber durante o trabalho em grupo. A canoa caiçara é o veículo que transporta dentro de suas linhas, desde o seu feitio até nas longas pescarias, o poder oculto, latente, de transmissão da cultura caiçara de uma geração até a outra.

Um dos segredos mais evidentes guardados pelos mestres, diz respeito às 25 linhas, necessárias para o feitio de uma canoa perfeita. A menção às 25 linhas é mais recorrente na região de Ilhabela⁴¹ e São Sebastião, já em Ubatuba os mestres não se referem às 25 linhas como um conjunto de regras definido, ou uma fórmula única, mas é fato que todos os mestres se utilizam da marcação de aproximadamente 25 linhas específicas, utilizadas como referência fundamental no tronco de árvore escolhido para o feitio da *canoa caiçara*.

“Bater linha”, significa marcar a tora através da impressão de linhas negras feitas por um longo barbante impregnado com uma mistura de carvão moído e água.⁴²

Este estudo busca definir o “espécimen” *Canoa Caiçara*, para fins de registro, como sendo um objeto que possui uma estética capaz de ser reconhecida pelo grupo social dos caiçaras que habitam o território específico que vai do litoral sul fluminense, paulista, até o litoral norte paranaense, construído a partir das 25 linhas guias fundamentais marcadas dentro de uma sequência de etapas específicas em seu processo de feitio, possuindo pequenos acréscimos ou variações de *design* relacionadas ao gosto estético ou finalidade e tipo de uso a que se destinam.

O tipo *Canoa Caiçara* é dividido em 2 categorias⁴³ principais a saber:

- 1- canoa caiçara borda lisa** (canoas de pesca, regata e batelão);
- 2- canoa caiçara bordada** (canoas de voga, à motor e de pesca com o acréscimo de bordadura, para aumentar sua capacidade de carga).

*“Segundo Berta Ribeiro (1986:29) a antropóloga Dolores Newton recomenda que se restrinja o trabalho básico a exemplos geograficamente limitados, para evitar uma dispersão de técnicas e formas, correndo-se o risco tornar o trabalho “tão genérico que não se aplique a casos particulares”. Ressalta ainda a autora que cabe ao analista eleger uma peça padrão que reúna as características de um grupo de artefatos de mesma natureza, tendo em vista um princípio classificatório mais abrangente, onde a finalidade do artefato, via de regra, subordina o material do qual é feito”.*⁴⁴

⁴¹ Maldonado 2001.

⁴² Ribas&Ribas 1984, Verschleisser 1990, Maldonado 2001, Németh 2010.

⁴³ Estas 2 categorias condensam os registros de Almeida 1945, Mussolini 1980, Verschleisser 1990 e Maldonado 2001, apurando os atributos tipológicos que cada variante tem por básico e comum.

⁴⁴ Verschleisser 1990:19-20.

7- O PROCESSO DO FEITIO TÍPICO DA CANOA CAIÇARA

7.1- A escolha

A escolha consiste em se buscar uma árvore na mata adequada à confecção de uma canoa. Esta etapa, caso a canoa seja uma encomenda específica, envolve uma série de fatores e variantes a se considerar tais como, a qualidade da madeira que se deseja, o tamanho da canoa solicitada, o tipo de pesca a que se destina e o tipo de praia em que será usada. Caso seja uma madeira encontrada morta ou tombada a canoa será feita de acordo com o que a madeira permitir, aproveitando-a ao máximo.

O mestre canoeiro de Ubatuba, Manoel Neri Barbosa, o Baéco, ensina⁴⁵:

“Eu prefiro trabalhar no bruto... principalmente hoje né... porque antigamente a gente escolhia a madeira... tava oca em pedaços... você descartava... deixava ela lá, hoje não... hoje só trabalho com madeira defeituosa... é então... que já tá podre um lado... aí o que é que tem que fazer?... o remendo... as vezes leva muito mais tempo remendendo do que fazendo.”

7.2- Tipos de árvores

Câmara em 1888 já registrava⁴⁶:

“O Brasil é o país mais rico do mundo no reino vegetal e com particularidade em madeiras de construção, o que já foi verificado não só pelos sábios, como no certâmen das principais exposições universais. De sua enorme variedade apresentamos as mais conhecidas e empregadas nas partes componentes, e acessórios das embarcações indígenas, representadas por seções da costa, ou províncias. Muitas delas ainda não foram classificadas, outras se confundem pela semelhança de nomes, e outras ainda pela sinonímia.”

Até hoje estas sinonímias e nomes que variam de praia em praia apontados por Câmara (1888) ainda ocorrem e se confundem, mas a escolha da madeira passou a ser mais uma questão de sorte de se encontrar uma madeira caída ou morta, devido às restrições ambientais e a inexistência de grandes árvores acessíveis aos mestres.

Existem madeiras especiais que mesclam leveza, resistência ao sol, plasticidade e durabilidade, sendo portanto as mais valorizadas para o feitio de uma canoa caiçara. Grosso modo, as principais espécies em ordem decrescente de qualidade para a confecção de canoas são: o cedro, (*Cedrela fissilis*), a timbuíba, (*Balizia pedicellaris*), o ingá amarelo, (*Tachigali denudata*), o caobí, (*Machaerium nyctitans*), o goiti, o jequitibá, (*Cariniana legalis*), o ingá flecha, (*Inga sessilis*), o guapuruvu, (*Schizolobium parahyba*) e a figueira branca, (*Ficus insipida*).

⁴⁵ Em NAVARRO, Flávia Suárez ET AL, Caiçara, a fartura de um povo na Salmoura, São Paulo, 2007:34.

⁴⁶ Antonio Alves Câmara, “Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil”, 1937:231-232.

Durante a escolha, também são utilizadas algumas técnicas especiais para a medição e seleção da madeira quanto às suas dimensões.

A mais conhecida é a utilização de um cipó para determinar o “rodo” da madeira, ou a sua circunferência, medida inicial básica que determinará a largura ou “boca” da canoa e conseqüentemente o seu comprimento, já que são medidas interdependentes e relacionadas proporcionalmente pelas fórmulas: $b = r/4$ e $c = 7,5xb$, onde “b” é a boca, que sempre será $\frac{1}{4}$ do rodo, ou “r”, a circunferência do tronco.

“C”, o comprimento da canoa, será de sete vezes e meia a boca da canoa que é o comprimento médio mais comum, podendo o comprimento variar para a *Canoa Caiçara*, de 5 até 9 “bocas”, de acordo com o uso destinado e ao tipo de praia em que a canoa será usada.

7.3- A derrubada

A segunda etapa é a da derrubada, que também exige muita técnica e planejamento para não botar a perder a árvore escolhida.

A madeira escolhida só deve ser cortada na época da “vazante da lua”, ou seja, da lua minguante para a nova, se não a madeira racha ou “pega bicho” como brocas e carunchos. Também deve ser cortada preferencialmente nos meses sem a letra “R”, quando chove menos e a madeira está mais seca.

Se a madeira caiu ou foi cortada em época ou lua errada acontece um fenômeno que o mestre chama de “vento da madeira”, que é descrito como uma força que vem de dentro da madeira fazendo-a “estruondar” ou rachar e que vai abrindo e lascando continuamente a madeira cada vez mais.

A derrubada também leva em consideração onde a madeira irá tombar, se existe alguma pedra ou gruta onde a madeira pode rachar ou se perder, neste caso pode ser construída uma “estiva” com madeiras macias como a palmeira patí, a juçara ou mesmo bananeiras, que será como um berço que amortece a queda da árvore, evitando que rache. Também em alguns casos, já são feitos alguns desbastes no tronco em pé a fim de marcar onde será a boca da canoa, pois é mais fácil visualizar a parte mais apropriada para a boca com a madeira em pé. A parte mais larga do tronco e próxima da raiz sempre será o lado da proa da canoa, e a parte mais achatada do tronco será de preferência o fundo.

7.4- O corte da canoa

A terceira etapa é a do “corte da canoa”, que se inicia “torando” a madeira caída de acordo com o tamanho calculado pela medida da boca que já foi pré determinada. Esta medida do comprimento também pode ser ajustada a fim de que, de uma mesma árvore, possam ser feitas 2 ou 3 canoas, aproveitando-se ao máximo a madeira, sempre levando em conta as relações matemáticas ideais entre diâmetro, boca e comprimento para cada segmento do tronco.

“Por exemplo, se a gente cortar uma árvore e der duas canoas, tem que aproveitar toda ela, pra não deixar lá. Porque também a gente acha que é um

crime cortar, tirar uma torinha e deixar o resto lá estragar. A gente tem essa consideração".⁴⁷

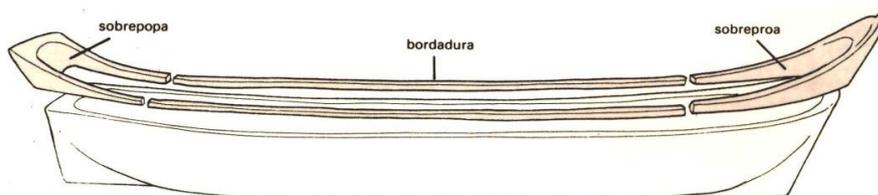
Já torado, o corte será, se possível, posicionado com a marcação da boca para cima, facilitando o início da próxima etapa ou o "arraso".

O arraso consiste no desbaste e nivelamento de toda a parte superior da tora até a largura determinada pela boca, formando a "mesa" da canoa, assim chamada a parte plana resultante deste arrasamento. Chega-se à largura da boca através de um primeiro corte transversal à tora na altura de onde será o banco da proa, quando este corte atingir a medida correta todo o nivelamento acompanha esta largura que corresponde a um $\frac{1}{4}$ do "rodo", ou seja, 25% da circunferência da tora. (fig. 20)



20

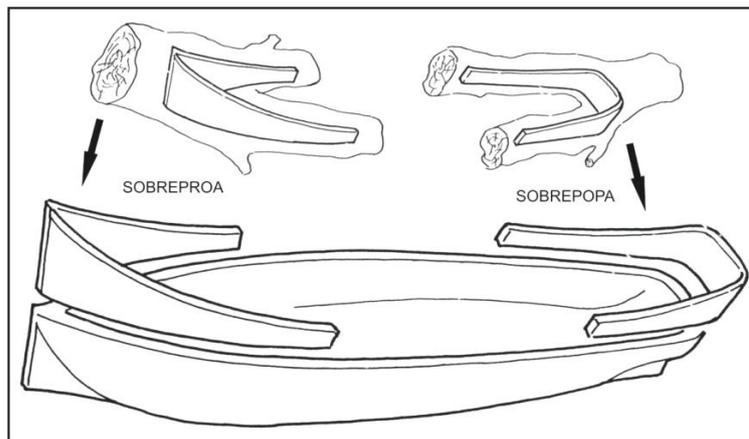
Durante o arraso a mesa deve ficar "goivada", ou curvada para cima nas extremidades onde serão a proa e a popa, sendo a proa sempre mais elevada que a popa. Esta curvatura da mesa é chamada de "toso", e é determinada pelo gosto estético do mestre dentro das possibilidades da madeira, pois caso a madeira não permita o toso adequado, será posteriormente acrescentada uma sobreproa ou uma sobrepopa à canoa, feitas com as "ganchadas" da árvore ou forquilhas, como mostram Ribas & Ribas⁴⁸ 1984:14 (fig. 21) e Verschleisser 1990:140 (fig 21.1).



21

⁴⁷ Antonio Rafael, mestre-canoeiro em Maldonado 2001:116.

⁴⁸ Ribas & Ribas, "O modo de fazer (estudo de alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty)", 1984, R. J. Paraty.



21.1

Estando pronto o toso e nivelada a mesa inicia-se o traçado de uma linha dividindo a mesa bem ao meio no sentido longitudinal. A partir desta linha, são marcadas as duas linhas laterais dos bordos, equidistantes e paralelas à linha central da mesa, que servirão de referência para o “desbojamento” que é a retirada das duas laterais arredondadas do tronco, onde serão os bordos da canoa, resultando duas faces planas, mais fechadas na parte superior junto à mesa e mais aberta na inferior onde será a linha do bojo da canoa. (fig. 22)



22

Esta etapa além de determinar o formato e largura da “boca” da canoa, também é importante para a retirada do “branco da madeira”, ou alburno, que é a parte mais macia e menos resistente entre o cerne e a casca, deixando os bordos da canoa mais fortes e menos sujeitos ao apodrecimento.

Desbojado, agora é necessário marcar as linhas das garras e o formato da proa. Com a mesa ainda em nível são determinados dois pontos, um em cada extremidade da linha central da mesa. A partir destes pontos, com o auxílio de um prumo, são “batidas” uma linha vertical central em cada ponta do corte, determinando as “linhas do centro das garras”. A precisão do traçado destas linhas será fundamental para o feitura de uma canoa reta e apumada.

Batidas as linhas do centro das garras, inicia-se o traçado das linhas da proa.

A partir do “pique”, ou ponto que une a linha vertical do centro da garra da proa e a linha do meio da mesa, posiciona-se o barbante esticado a guisa de compasso, marcando dois pontos equidistantes na intercessão com as faces laterais desbojadas. Determinados estes dois pontos, batem-se duas linhas retas angulares que servirão de referência para a curvatura externa da proa ou “amura” (fig. 23). Esta curvatura externa é feita “a olho”, ou sem uma medida específica, e cada mestre tem seu desenho próprio, a única regra é que a curvatura de um lado deve ser exatamente igual a do outro (fig. 24).



23



24

O “corte de canoa” então já pode ser “cavocado” por dentro, para que fique mais leve e possa ser mais facilmente virado de bruços. Antes do “cavoque bruto” são batidas mais duas linhas em cada bordo, determinando a espessura de segurança dos bordos, em torno de 5 cm, que jamais deverão ser ultrapassadas antes do acabamento final, para não afinar demais os bordos. Nesta etapa o serviço pode ser feito “no machado” ou “na motosserra”, determinando com o uso da motosserra, apenas economia de tempo e maior aproveitamento da madeira, já que podem ser retiradas e aproveitadas pranchas e vigas inteiras de dentro e de fora do corte de canoa.

Já cavocado e mais leve, o corte pode ser virado de bruços e utilizando calços e novamente o prumo, o corte é mais uma vez apumado através das linhas centrais das garras já marcadas anteriormente para que seja possível o arraso ou nivelamento do fundo.

A técnica para virar uma tora tão pesada consiste na amarração de um varão bem firme, transversalmente ao corte da canoa, que servirá de alavanca, podendo ser manipulado com muita facilidade. (figs. 25 e 26) ⁴⁹



25



26

O “arraso por fora”, ou nivelamento da parte do fundo, é levemente arcado para baixo do meio para as pontas, ao contrário do “arraso da mesa” que é pronunciadamente arcado para cima nas extremidades.

Arrasado e nivelado o fundo da canoa, é batida a “linha mestra” que o divide longitudinalmente ao meio a partir do ponto em que as linhas de centro das garras encontram a face nivelada do fundo. É a partir desta linha mestra que serão batidas as cinco principais linhas do fundo da canoa determinando a “tábua do fundo”.

Para se desenhar a tábua do fundo, é necessário determinar mais 2 paralelas a cada linha do centro de garra, que marcam a largura de segurança de cada garra, em torno de 5 cm, e outra linha denominada “cruzeta”, que se encontra dividindo-se a linha mestra ao meio e, a partir deste ponto, batendo-se uma linha perpendicular a ela com 15 cm em canoas pequenas até 40 cm em canoas grandes. A partir destes 6 novos pontos encontrados, é traçado o polígono chamado “tábua do fundo”, que será a base de referência do feitio do fundo da canoa (fig. 27).



27

⁴⁹ Imagens 25, 26 e 27 de Fernando Costa em:
http://www.jornalcanalaberto.com.br/fttexto/file/A_canoa_de_um_pau_so.pdf.

Feita e riscada a tábua do fundo a canoa é novamente virada, apumada e nivelada para serem batidas as linhas curvas da cinta dos bordos que irão determinar a curvatura do “bergado” da proa ou “buçada” e do “boleado da popa” e principalmente o formato do bojo do fundo da canoa ou “encolamento”.

Para bater a linha cinta do bordo, fixa-se um prego na parte mais alta do bordo da proa e outro na parte mais alta do bordo da popa e prende-se a linha neles de modo que fique frouxa e curvada para baixo pela ação da gravidade (fig. 28). Estas serão as únicas duas linhas curvas batidas dentre as 25 linhas fundamentais da canoa caiçara.



28

Estas linhas também determinarão o tipo de fundo e função que a canoa terá, podendo resultar em um “fundo chato”, ideal para carga ou pesca, ficando a canoa “segura” ou seja, estável, firme, ou então em um “fundo de telha” resultando uma canoa rápida mas “bandoleira” ou instável. A medida desta curvatura é feita “a olho”, mas deve ter altura igual nos dois bordos da canoa para que a canoa fique perfeitamente simétrica e equilibrada.

“Uma canoa segura é aquela que não balança, firme, normalmente feita de madeira pesada, que tem fundo chato e nunca mais de 8 bocas de proporção. Uma canoa “maluca” é leve, tem garras finas, fundo meio abaulado, muitas bocas de comprimento (é estreita), não é tão cargueira e exige boa habilidade do remador para não tombar, mas tem grande vantagem de ser rápida”⁵⁰

Para a perfeita simetria destas duas linhas das cintas, são marcados 3 pontos em cada face dos bordos; o primeiro, (nas canoas de pesca ou fundo chato), bem ao centro, distando 40 cm ou 50 cm abaixo da altura central do bordo, e os outros dois a mais ou menos uns 50 cm da proa e da popa, distando entre 5 e 10 cm abaixo da linha do bordo. A linha deve ser batida passando por estes 3 pontos de referência nos dois lados.

⁵⁰ Amyr Klink 1983 em Verschleisser 1990:163.

Para mudar o tipo de fundo da canoa, de chato, para um fundo de telha, priorizando a velocidade em detrimento da estabilidade, é só diminuir a distância do ponto do centro da linha da cinta até o bordo, de 40 cm para 15 ou 20 cm, propiciando uma maior entrada e saída de água pelo desenho do fundo após o desbaste das garras e do encolamento na fase seguinte (fig. 29).

Batidas as linhas das cintas dos bordos, a canoa é virada de bruços novamente e inicia-se a etapa de feitio do bergado da proa e do boleado da popa onde toda a madeira excedente das extremidades do corte da canoa, situada entre as duas garras, a tábua do fundo e a linha do bojo é grosseiramente retirada com o machado e enxó ou motosserra (fig. 29.1).



29



29.1

Neste ponto o corte é “limpo”, ou seja, por dentro e por fora o corte é grosseiramente acertado com o enxó e machado, retirando-se todo o excedente de madeira e rebarbas, deixando bem definido o formato da futura canoa. Já se evidenciam a proa, a popa, as garras, o bojo e nos bordos são fixados os “barrotes”, que são travas feitas com paus encaixados por dentro dos bordos, reforçando-os para que as bordas não empenem para dentro.

Estas etapas da derrubada e do corte da canoa compõe a primeira fase do feitio de uma canoa, chamada “limpar a canoa”.

Considera-se agora o “corte da canoa” pronto, e fica a critério do mestre se o acabamento grosso será feito ali mesmo, ou acontecerá a “puxada”, ou arrasto do corte da canoa até outro local onde os recursos para o acabamento estejam mais acessíveis.

7.5- A puxada

Para a puxada, a canoa é deixada propositalmente mais bruta para não sofrer com o desgaste do atrito e sua estrutura é reforçada com os barrotes que são barras de madeira encaixadas de um bordo a outro, por dentro da canoa.

A puxada tem grande importância cultural na transmissão dos saberes dentro da comunidade. Durante seu percurso são recontadas histórias de puxadas antigas, causos, lendas, fatos são lembrados embalados pelo esforço físico e pelos laços de companheirismo.

A puxada demanda maior cooperação do grupo e maior nível de organização⁵¹ para transpor os obstáculos e dificuldades que se apresentam durante o transporte do corte de canoa recém esculpido no percurso dentro da mata. O corte será removido por uma trilha ou picada aberta e preparada exclusivamente para este fim, caso não haja um caminho já existente.

Ensina Seu Ditinho sobre a puxada⁵²:

”Tem de fazer o picadão. Fazer uma picada bem limpinha”. O caminho deve ser bem limpo e retirados os cipós e cepas para não machucar ninguém. “Se tiver uma pedra, um pau grande, tem de sair fora, tá entendendo, pra não derrubar aquela árvore. E também pra canoa não enfiar a proa num lugar que não se possa tirar. Numa pedra, numa grotta, numa coisa dessas.”

Construída a picada, os companheiros são avisados e é combinado o dia da puxada. Neste dia os homens se reúnem na mata onde está a canoa e o grupo é organizado de forma que haja força para puxar e segurar a canoa e para que a mesma seja sempre conduzida no meio da trilha aberta.⁵³

O clima é de confraternização e festejo, é sempre oferecido almoço aos participantes. Relata-se, do tempo antigo, a algazarra que o evento proporcionava, pois para as canoas imensas daquela época, eram necessárias 20, 35, até 45 pessoas e não raro de 2 a 3 dias de puxada. Matava-se porco, galinha e as mulheres cozinhavam peixe-seco, arroz e feijão em panelões que eram levados “trilha a dentro” para o almoço dos camaradas.⁵⁴

Quando a canoa chegava na praia as famílias que participaram do “adjutório” ou mutirão, juntavam-se para uma grande festa com baile e música conhecida como “fandango”.

Hoje as puxadas são mais comedidas e discretas, tanto pelo tamanho reduzido das canoas atuais, quanto pelas restrições à retirada de novas canoas.

⁵¹ Maldonado 2001:120.

⁵² Ribas & Ribas, O modo de fazer 1984:13.

⁵³ Maldonado 2001:122.

⁵⁴ Maldonado 2001:121-122.

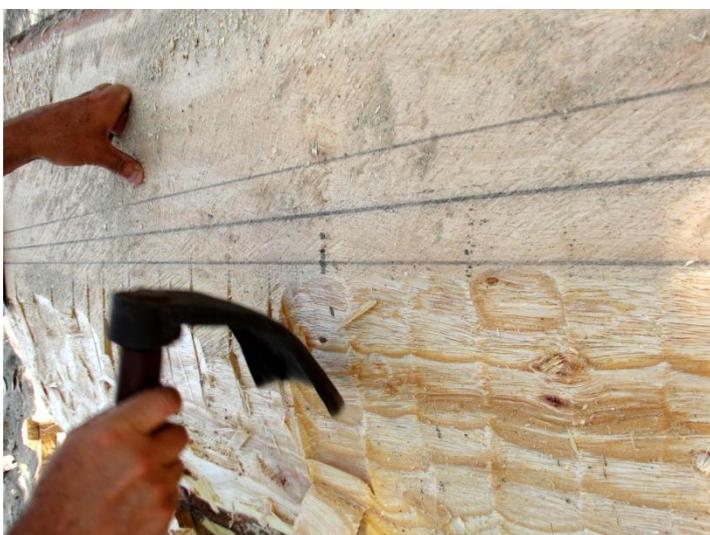
7.6- O acabamento grosso

O acabamento grosso é a etapa em que o corte se transforma em canoa com todas as suas linhas principais bem definidas. É um trabalho onde o mestre canoeiro demonstra toda a sua arte e técnica apuradas. Tirar o corte da canoa ou limpar a canoa é um trabalho mais bruto e grosseiro que pode ser feito por camaradas e aprendizes sempre sob a orientação do mestre, mas o acabamento necessita do diferencial artístico que gradua o mestre, é quando ele imprime nas formas e linhas da canoa sua marca pessoal, ou o seu “feitio”.

O acabamento se inicia com um novo aprumo da canoa posicionada de boca para cima, baseado pelas linhas centrais das garras já marcadas. Aprumado o corte, inicia-se o arraso final dos bordos da canoa, sempre nivelando um lado com o outro, com o nível de água, e “cepilhando” ou aplainando e tirando todas as imperfeições e marcas de enxó ou machado, deixando bem definindo o tosamento da canoa. Uma canoa bem tosada é motivo de admiração pelo grupo.

Aparelhado o bordo é a vez das cintas laterais dos bordos serem cepilhadas e aplainadas até ficarem ambas planas e com um ligeiro ângulo que se abre da boca para o fundo. Então novamente é batida a linha da cinta do bordo para reforçar ou corrigir a marcação anterior e a canoa é virada de bruços e mais uma vez aprumada pelas linhas centrais das garras.

Aprumada e firmemente calçada para não balançar inicia-se o difícil feito do encolamento do fundo da canoa com a enxó goiva. Nesta etapa a tábua do fundo é refeita, para corrigir algum eventual estrago durante a puxada, o fundo é nivelado e as linhas da tábua são reforçadas, pois é a partir delas que com o enxó goiva inicia-se a retirada da madeira do encolamento num movimento preciso, contínuo e linear de cima para baixo, partindo das linhas da tábua de fundo até as linhas curvas das cintas dos bordos (fig. 30).



30

É nesta fase que o mestre demonstra sua grande sensibilidade e destreza pois todo o volume retirado do fundo da canoa será calculado sem referência alguma, a partir apenas de um modelo imaginário que só existe na mente dele.

A retirada é feita do centro para as extremidades, sendo que na cessão central a retirada de madeira deve ser mínima para a curva do encolamento ficar muito suave, deixando esta parte central mais “pançudinha” ou bojuda. A partir do “terço de vante” e do “terço de ré”, o volume da retirada vai gradualmente aprofundando a medida que a extremidade da tábua do fundo se estreita, formando assim as garras da proa e da popa. O perfeito uso do enxó goiva imprime sulcos paralelos em toda a extensão da canoa, provando toda a habilidade do mestre no manejo preciso da ferramenta (fig. 30.1).



30.1

Terminado o acabamento grosso do fundo é hora de “verrumar” a canoa, etapa onde serão feitos os furos de baliza para garantir a espessura uniforme de toda a canoa, deixando-a perfeitamente equilibrada e simétrica, evitando que fique “pensa” quando na água.

São feitos diversos furos equidistantes ao longo da linha mestra e de cada lado das curvas do encolamento com a verruma, além de três em cada lado da buçada e três em cada lado do boleado. O número de furos varia de acordo com o comprimento da canoa e em média distam 50 cm uns dos outros. Existem dois métodos para garantir a espessura uniforme da canoa através das balizas, o primeiro consiste em amarrar um barbante na broca, limitando a profundidade do furo, que quando é atingido por dentro pelo corte do enxó, mostra o limite desejado. A outra é furando até vazar para o lado de dentro da canoa e inserir uma madeirinha com o tamanho desejado que vai sendo visualizada por dentro até que seja atingida a espessura marcada. A espessura de uma canoa caiçara varia em média da seguinte forma: 5 cm na tábua do fundo, 4,5 cm na curva do encolamento e 3 cm nos bordos, o fundo sempre será mais grosso para dar maior estabilidade e resistência ao atrito contra as pedras e areia, aumentando a vida útil da canoa.

Furadas as balizas, e com a canoa novamente de boca para cima, inicia-se o acabamento interno com os mesmos movimentos lineares e paralelos de cima para baixo com o enxó goiva, até que se atinjam as espessuras marcadas (fig. 31).

Além dos furos de baliza, de tempo em tempo, o mestre apalpa a madeira simultaneamente com uma mão por dentro e outra por fora da canoa e vai “sentindo” a espessura da canoa com as palmas das mãos, e assim vai calibrando o trabalho com o enxó até que a espessura fique uniforme em toda a canoa. Terminada esta fase os furos de baliza são tapados e colados com um pedacinho de madeira bem justo chamado “tucho”.



31

Nesta fase além da espessura uniforme também é dada a forma final da popa e da linha vincada interna bem no centro da proa. Também serão poupadas as partes da madeira onde ficarão as “chumaceiras”, que são ressaltos mais grossos no lado interno dos bordos onde ficarão encaixados os bancos. Também no fundo, centralizada bem abaixo do banco da proa ficará, caso necessário, um ressalto na madeira chamado “carrinca”, que é onde se encaixa o pé do mastro do “traquete”.

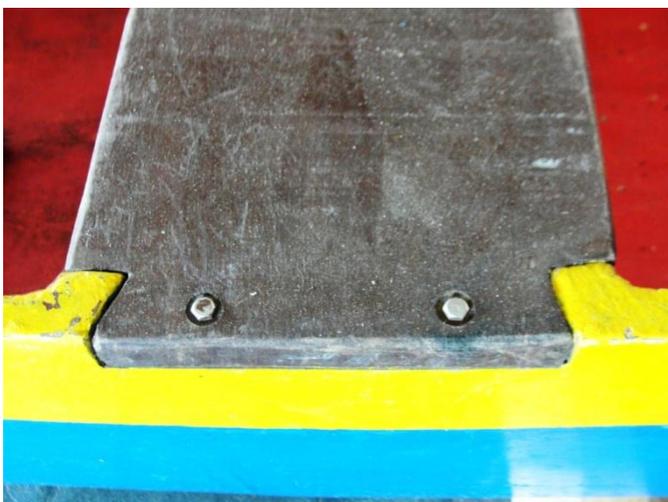
7.7- O acabamento fino

O acabamento fino consiste em “cepilhar” ou aplainar toda a superfície da canoa com três tipos de plainas, a chata, a goiva e a chata pequena para os bordos, alisando a canoa toda e tirando as marcas do enxó. Depois de cepilhada a canoa deve ser toda lixada. Toda esta fase pode ser feita também com ferramentas elétricas caso seja possível.

O próximo passo é “embancar” a canoa, que é a colocação dos bancos. A colocação dos bancos exige atenção e cuidado. Em uma canoa caiçara são colocados dois bancos fixos, um à proa chamado banco da proa e um ao meio chamado de banco do meio. Na popa é colocado um banco móvel chamado banco da popa ou tombadilho, que pode ser retirado para não atrapalhar a soltura da rede durante a pescaria. Os dois bancos fixos são encaixados nas

chumaceiras deixadas na altura do bordo e o da popa nas chumaceiras deixadas a cerca de 5 cm abaixo do bordo. A função técnica fundamental dos bancos de uma canoa é impedir a tendência natural dos bordos se fecharem para dentro, além disso, o banco da proa é furado ao centro para suportar o mastro do traquete e sobre o banco do meio, se embarca a rede de pesca.

O encaixe trapezoidal (fig. 32) dos bancos fixos tem a função de impedir qualquer movimento dos bordos tanto para dentro quanto para fora e depois de solidamente encaixados, são pregados ou colados para fixação definitiva.



32

A posição dos bancos também varia pouco, sendo o do meio sempre colocado no ponto médio da canoa, e o da proa e da popa, colocados próximos aos pontos médios do terço de vante e do terço de ré respectivamente.

Embarcada, cepilhada e toda lixada, a canoa está pronta para ser entregue ao dono, que irá escolher as cores da pintura, fundamental para a conservação da madeira. Antes da pintura é conveniente preparar a madeira com algum tipo de veneno anti cupim, alguns mestres se utilizam do veneno mesmo nas fases do acabamento grosso, para prevenir o aparecimento de pragas, se a canoa for ficar muito tempo no mato.

7.8- A pintura e a conservação

Antigamente, sem os recursos modernos, algumas canoas eram embebidas em alcatrão derretido ou piche para a sua conservação, em consequência elas ficavam pretas e quando o sol esquentava ficavam grudentas. Schmidt ⁵⁵ 1947 narra o uso do azeite de “noga”, misturado com 20% de breu, um preparado muito resistente à água salgada que não necessitava de secante e podia ser misturado com a cor desejada da canoa.

Há relatos também da utilização no “tempo antigo”, da “tinta de casca” de jacatirão, mangue, aroeira e outras, com a mesma técnica usada na rede dos cercos flutuantes, para a conservação da madeira da canoa.

⁵⁵ “Alguns aspectos da pesca no litoral paulista” em Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol 1, 1947, NUPAUB-USP.

“Naquele tempo, além do corte na lua certa, a única maneira de preservar a madeira, era através de banhos com uma solução de casca de aroeira, pau de mangue ou caobi fervida em grandes panelões de barro e derramada no interior da canoa”.⁵⁶

Com o aparecimento das tintas industriais, iniciou-se a utilização do zarcão para tratar a madeira crua e depois das tintas a base de óleo, o que agregou um outro aspecto artístico às canoas que são as pinturas multicoloridas. Não existe uma norma rígida para estas pinturas, que variam de um local para outro, entretanto nota-se mais comumente um padrão de três cores, sendo uma por dentro, outra por fora na parte do bojo e a terceira numa faixa estreita das laterais, incluindo parte das cintas dos bordos, bico de proa e espelho da popa (fig. 34). Os ranchos de pesca também são fundamentais para a conservação das canoas, protegendo-as do sol e da chuva, os dois fatores principais responsáveis pela deterioração da madeira.

8- AS FERRAMENTAS DO OFÍCIO

As ferramentas utilizadas no feitiço de uma canoa caiçara são as mais simples e fundamentais da carpintaria, com exceção da motosserra e das ferramentas elétricas, que apareceram para facilitar o trabalho e diminuir o tempo de feitiço da canoa, podendo encurtar de um mês para até uma semana, inclusive barateando seu custo de produção. São utilizadas basicamente o machado, o facão, o enxó goiva, o enxó chato, a linha de bater, o prumo, o nível de água, a verruma, o arco de pua, o martelo, o serrote, o formão chato, o formão goiva, as limas, a motosserra, a plaina elétrica e a lixadeira elétrica.

No entanto é o enxó (fig. 33), a ferramenta símbolo do ofício de confeccionar canoas. Como visto anteriormente o enxó é uma das primeiras ferramentas inventadas pelo homem, hoje as lascas de pedra ou conchas foram substituídas pela lâmina de metal. Quase sempre o enxó é forjado pelo próprio mestre canoeiro, que molda a ferramenta de acordo com o seu estilo de trabalhar, e tipo de uso. Vários tipos de enxó (fig. 33.1) são confeccionados para cada etapa do feitiço da canoa, os pesados e de cabo longo para cavucar, os leves e de cabo curto para os detalhes, os chatos para aplainar, os “goivados” para escavar e até vincados para fazer a linha do “beque da proa”.

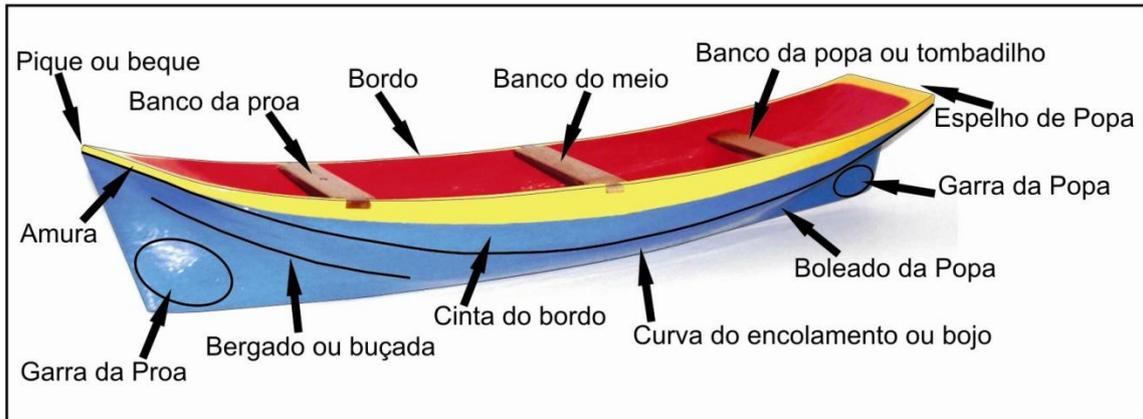


⁵⁶ Amyr Klink 1983:10 em Verschleisser 1990:160.

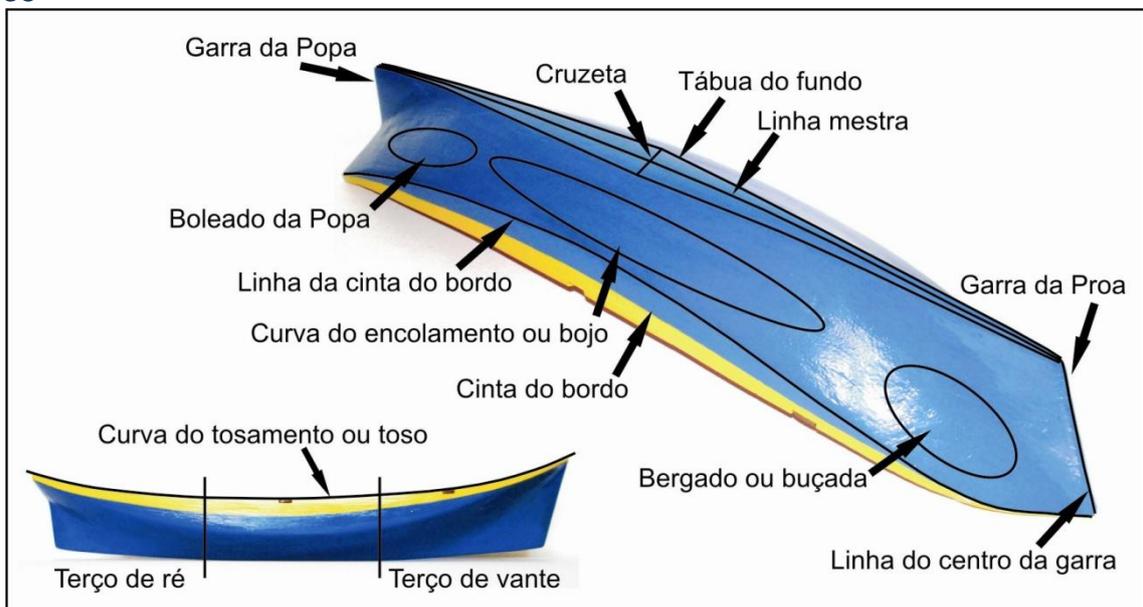
9- A CANOA CAIÇARA, SUAS PARTES E ACESSÓRIOS

As imagens a seguir (figs. 34 e 35), indicam as principais partes de uma canoa caiçara:

34



35



Entre os acessórios principais necessários para o manejo seguro da canoa caiçara temos:

9.1- Os remos

Os remos podem ser considerados parte integrante de uma canoa, são também uma extensão do remador, permitindo sua livre movimentação e manobra no comando da canoa caiçara no mar.

Esculpidos em madeira resistente e flexível, sendo a mais utilizada o guacá, (*Pausandra morisiana*). O desenho dos remos e suas formas são clara herança indígena, que para eles possuíam também a função de arma, daí sua extremidade pontiaguda, servindo tanto para remar quanto matar.

No frontispício ilustrado⁵⁷ de “*América: being the latest and most accurate description of the New World*” (fig.36), impresso em Londres por John Ogilby em 1671, encontramos no detalhe ampliado abaixo (fig. 36.1), a figura de um nativo americano empunhando o que pode ser seu remo.



36



36.1

Nas duas gravuras a seguir, (fig. 37⁵⁸ e 38⁵⁹) retratando a cultura nativa brasileira, o “remo-arma” pode ser observado, diferindo dos remos atuais apenas pelo comprimento de seu cabo, sendo as pás ainda muito semelhantes às dos remos caiaçaras atuais.



37



38

⁵⁷ Em <http://www.clements.umich.edu/exhibits/online/american-encounters/american-encounters-women.php>.

⁵⁸ “*Armas ofensivas*”, litografia de Charles Motte, gravura inserida na prancha 34 do primeiro volume do álbum *Voyage Pittoresque* publicado em 1834.

⁵⁹ “*Historia dos índios no Brasil*”, org. Manuela Carneiro da Cunha, SP Companhia das Letras, FAPESP 1992 (fragmentos de história e cultura tupinambá, p. 393).

O *design* da construção de um remo caiçara proporciona a máxima estabilidade com o mínimo ruído durante a remada, fatores fundamentais durante a espreita de uma pescaria.

A “esculturação” de um legítimo remo caiçara requer conhecimentos⁶⁰ específicos e minuciosos conforme nos ensina o Mestre Zeca Moisés do Sertãozinho da Boa Esperança em Ubatuba, num relato do pesquisador e folclorista ubatubano, Júlio César Mendes⁶¹:

“Remo caiçara - A arte de Zeca Moisés

Já dizia Fernando Pessoa, em seu poema: “navegar é preciso; viver não é preciso”.

Para o caiçara, navegar era e ainda é mais do que viver. É a sua identidade, é a sua cultura, é a sua essência. Navegar é preciso! Mas não falo aqui de grande navegação, ou de navegação de grande porte, falo sim de navegação mais rudimentar, mais emocionante talvez e mais em carinho e em sentimento com o mar. Falo da navegação dentro de um pau só: “a canoa”, que navega na força dos braços, que maneja no traçado do remo; esse utensílio tão importante como a canoa. Na verdade, um não tem valor sem o outro. Até arrisco a dizer que a canoa é feita com dois paus: o do remo e o da canoa.

A arte e a técnica de “esculturação” de um remo é tão igual ao de uma canoa. “Uma canoa não navega bem, se não tiver um bom remo”.

Quem afirma essa frase é seu Zeca Moisés, caiçara do bairro do Prumirim, que com seus sessenta e seis anos de idade é um grande mestre na construção de remos para canoa caiçara.

Ao vermos um remo, pensamos ser um simples objeto de navegação, mas nos enganamos, pois a cultura caiçara tem a sua ciência, sua sabedoria e dentro da etnologia matemática, usando de suas proporcionalidades, a arte de construção de uma canoa e de um remo, é matéria de estudos e pesquisas acadêmicas, que formam mestres e doutores em nossas universidades; e todos esses, buscam, em mestres como o seu Zeca, a sabedoria e os conhecimentos da cultura caiçara.

- Meu filho, explica seu Zeca Moisés, veja quanto trabalho dá para fazer um remo: primeiro tem que esperar a lua certa; a minguante é a melhor para se cortar a madeira e melhor ainda é se for num mês ímpar. As melhores madeiras para remo são: o goacá, a capitanga, a caxeta do morro e o cubatã vermelho. Depois de cortada a madeira, espera a bicha descansar por cinco dias, para sair a água, a cica (seiva). Aí sim começamos o trabalho; lasca a madeira no meio (sentido longitudinal), para dar dois remos, e com um cipó ou uma linha, tiramos o eixo. Os primeiros cortes são feitos com o machado e com o facão, depois, com a enxó, a plaina de mão, o alegre, caco de vidro e lixa fina, faz todo o acabamento e perfeição no remo. Isso tudo leva uns três dias mais!

Continua seu Zeca:

- O remo tem duas partes: o cabo e a pá. A pá tem que ter 1/5 (um quinto) do comprimento do remo e sua largura, a metade desse 1/5. Pá de remo que não tem curva (concavidade), não vale nada; e a parte de dentro (parte côncava)

⁶⁰ Ribas & Ribas 1984:20, traz um belo relato das técnicas construtivas do remo caiçara e identifica a proporção total de 9 palmos de comprimento já incluída a pá com 2,5 palmos.

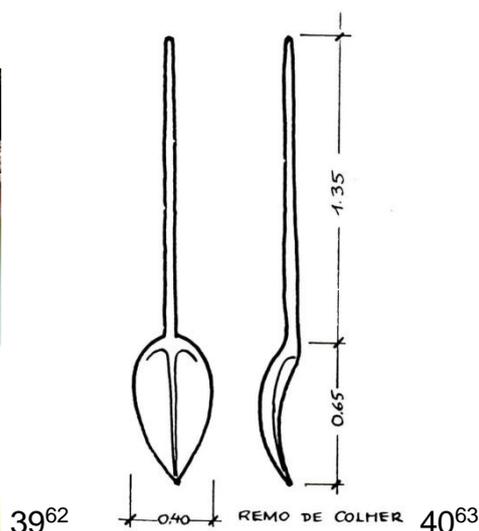
⁶¹ Em http://www.ubaweb.com/revista/g_mascara.php?grc=34434.

tem que ter a quilha, para cortar a água, dar firmeza e segurança no remar. Não é fácil não, meu filho!

Seu Zeca explica ainda que saber remar também é outra ciência, mas é mais fácil que fazer o remo, basta o cidadão ter persistência, observar os canoeiros e ter nos músculos dos braços muito caldo de gonguito, piragica, banana verde e farinha de mandioca.

Além de remos, seu Zeca, ainda é artesão em canoa, pilão, gamela, colher de pau, coxo, peneiras e cestos de taquara, tipiti para prensa de mandioca ralada, balaio diversos, vassoura de timbopeva e outros artesanatos caiçaras.

Na música caiçara, seu Zeca tem um grande papel: é mestre na dança de São Gonçalo e com seu pandeiro rufador participa do Fandango Caiçara, tocando xiba, tontinha, canoa, ciranda e outros ritmos de nossa cultura”.



9.2- O traquete

A propulsão à vela foi uma das primeiras adaptações feitas pelos índios em suas canoas, imitando esta tecnologia trazida pelos primeiros colonizadores.⁶⁴

O traquete, como é genericamente chamado pelos caiçaras o conjunto de mastro e velas para a navegação “à pano”, hoje quase já não se usa mais.

Herança dos heróicos tempos das grandes canoas de voga do início do século XX (fig. 41)⁶⁵. As vogas eram especificamente canoas de transporte de carga que levavam mercadorias das comunidades caiçaras isoladas economicamente até os grandes portos da época. Podiam facilmente transportar 6.700 litros de aguardente, mais até 08 passageiros, e ainda os remeiros que podiam ser de 04 até 08 contando com o “patrão” que era o mestre comandante da voga.

A canoa de voga é o tipo de canoa mais citado por diversos autores, em muitos relatos e estudos de várias épocas⁶⁶.

⁶² Seu Zeca Moisés, fotografia de Julinho Mendes.

⁶³ Desenho técnico de um remo caiçara, chamado remo de colher por Verschleisser 1990:148.

⁶⁴ Verschleisser 1990:89; Maldonado 2001:86 e Museu Nacional do Mar em: <http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/canoas.htm>.

⁶⁵ Comissão geographica geologica 2ª ed. 1919, capa Enc. Caiçara vol IV 2005 NUPAUB-USP.

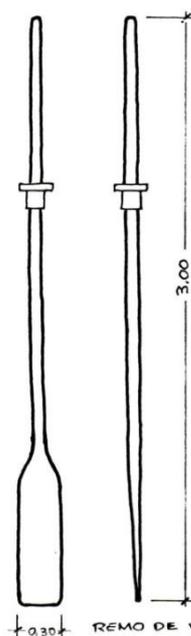
⁶⁶ John Mawe 1944, Schmidt 1947, Mussolini 1980, França 1951, Maldonado 2001, Klink 1983, Verschleisser 1990, Oliveira 1983, Denadai 2009, Noffs 2004, Diegues 2004.

Esta recorrência talvez se deva não só ao gigantismo de suas dimensões, mais de 20 metros de comprimento por 2,2 metros de largura, que muito impressionavam os cronistas por serem esculpidas em um só tronco de árvore, mas também pela importância vital das vogas, já que eram os únicos meios de ligação disponíveis entre os caiçaras e os grandes centros, levando e trazendo mercadorias e “quitandas”, garantindo a sobrevivência das comunidades. Estas viagens em meio a ventos e tempestades criaram histórias de eventos fantásticos e heroicos que atravessaram gerações até os dias de hoje.

Os panos⁶⁷ permitiam encurtar as viagens somente com o vento a favor, nunca com vento contra, quando então entravam em ação os remos de voga (fig. 42). Até hoje o nome “canoa de voga” está associado e algumas vezes confunde a tipificação da embarcação que neste trabalho definimos como *Canoa Caiçara*.



41



REMO DE VOGA 42⁶⁸

9.3- Os rolos

Os rolos de canoa são acessórios fundamentais da canoa caiçara permitindo sua mobilidade em terra com muito pouco esforço e total segurança.

Os rolos devem ter o comprimento de mais ou menos o dobro da largura da boca da canoa, ser perfeitamente cilíndricos e munidos de uma alça ou cabo para serem arrastados durante a rolada da canoa.

O diâmetro de um rolo deve ter entre vinte e cinco e quarenta e cinco centímetros, de acordo com o tipo de areia da praia e o tamanho da canoa, maior o diâmetro do rolo, mais fácil a manobra, principalmente em areia fofa.

Existe uma técnica bem apurada de manipulação dos rolos, e um conjunto de manobras específicas para diversas situações.

⁶⁷ Traquete e Mezena, assim chamadas as velas das vogas de dois mastros, o primeiro, vela “redonda” de formato retangular, armada no banco da proa, e a segunda, vela “latina” de formato triangular (fig. 40), armada no banco do meio.

⁶⁸ Desenho técnico de um remo de voga por Verschleisser 1990:148.

9.4- A cuia

A cuia antigamente era feita com uma metade de cabaça ou mesmo uma pequena gamela esculpida em madeira, e é usada para se “esgotar” a canoa, ou seja, tirar a água de dentro da canoa.

A água pode entrar na canoa por alguma rachadura, por algum acidente, chuva, ou quando se recolhe a rede molhada. Portanto uma cuia na canoa é elemento fundamental de segurança.

Devido à sua origem, mesmo hoje utilizando mais comumente pequenos galões plásticos de cinco litros cortados, para tirar a água das canoas, eles continuam a ser chamados de cuia.

9.5- A faca

A faca é outro equipamento de segurança fundamental numa canoa.

Os pescadores sempre recomendam não sair na canoa sem cuia e faca. A faca serve para cortar um pedaço de corda ou rede com rapidez e segurança em caso de emergência e necessidade de fuga rápida. Geralmente a faca fica escondida sob o banco da proa, cravada entre o banco e a chumaceira do banco da proa.

Existem relatos, de pescadores que morreram presos às cordas ou à rede por não disporem de faca.

9.6- A poita

A poita é um tipo de âncora que serve para fundear a canoa durante a pescaria, ou fazer barulho na água para o peixe malhar na rede.

Seu nome tem origem no Tupi e significa “mão forte”.

As poitas de antigamente eram construídas amarrando-se uma pedra grande entre duas forquilhas de galhos de árvore, amarrando tudo para que ficasse um conjunto bem firme.

Hoje usa-se um pelote de cimento com uma alça de ferro para amarrar a corda. O melhor formato é o redondo ou o cúbico para que a poita não se enrosque às fendas de pedras submersas da costeira, caso o fundo seja de areia, acrescentam-se quatro ou cinco pedaços de vergalhão de ferro, curvados como ganchos para segurar no fundo, passando a ter o nome de chaço ou garateia

10- A SALVAGUARDA

*“Em quase todas as regiões, as canoas tradicionais vêm sendo substituídas por barcos de alumínio ou fibra, perdendo-se assim técnicas e conhecimentos milenares, sintetizados em cada um dos barcos tradicionais, todos atualmente ameaçados de extinção”.*⁶⁹

Talvez a mais antiga e uma das mais amplas tentativas de resgate e salvaguarda deste imenso patrimônio naval brasileiro, incluindo as canoas, foi o registro em 1888 do almirante Antônio Alves Camara no *“Ensaio sobre as*

⁶⁹ Artigo de Museu Nacional do Mar em <http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/canoas.htm>.

construções navaes indígenas do Brasil”, intenção de salvaguarda que já era apontada por Alves Camara Junior no prefácio da edição de 1937:

“O autor não se contentou somente em escrever sobre as nossas embarcações, relacionando madeiras com suas aplicações e mesmo selecionando termos de um vocabulário marítimo particularizado à sua construção e uso; para facilitar a compreensão do leitor, foi além: organizou com carinho uma completa coleção de modelos, confeccionados, pintados e armados com muita fidelidade que figurou, como única no gênero, na Exposição Nacional de 1908, na qual o Júri lhe conferiu Grande Prêmio e medalha de ouro. Essa coleção, composta por cerca de 40 espécimes, foi doada ao Museu de Marinha e, depois, transferida ao Museu Nacional, onde ainda se encontra dispersa por diferentes salas. Longe, portanto, da natureza exclusivamente histórica, continua o assunto com grande atualidade, porque todas essas embarcações existem e trafegam, fazendo a felicidade dos habitantes do litoral e concorrendo como fator apreciável ao desenvolvimento econômico do país”.⁷⁰

E o próprio Almirante Alves Camara já em 1888 comentava⁷¹:

“O desejo de ser útil ao nosso país moveu-nos a escrever a presente monografia sobre as suas construções navais indígenas. Sobre este assunto, aliás tão vasto e curioso, o Brasil era até hoje menos conhecido do que as ilhas da Oceania”.

Conforme as próprias diretrizes do Ministério da Cultura, a ação de salvaguarda tem por objetivo identificar e documentar os saberes e modos de fazer que constituem patrimônio cultural brasileiro, democratizar o acesso e promover o uso sustentável desse patrimônio para as gerações futuras e para a melhoria das condições de vida de seus produtores e detentores. Além de desenvolver as bases legais, administrativas, técnicas, tecnológicas e políticas da preservação dessa dimensão do patrimônio cultural, contribuir para a garantia das condições sócio-ambientais necessárias à produção, reprodução e transmissão de bens culturais de natureza imaterial, desenvolver as bases institucionais, conceituais e técnicas do reconhecimento e valorização da dimensão imaterial do patrimônio cultural e promover a defesa de direitos associados aos bens culturais de natureza imaterial, em especial os direitos de imagem e de propriedade intelectual de populações tradicionais e detentores desse patrimônio.

Para a UNESCO, os processos de inventário e registro permitem identificar mecanismos e instrumentos locais de transmissão do bem cultural e, a partir daí, identificar as formas mais adequadas de salvaguarda.

Esse conhecimento e sua valorização serão a base do plano de salvaguarda, portanto, os instrumentos que visarão favorecer a manutenção dos mecanismos de transmissão e continuidade desta manifestação cultural denominada o feitio da canoa caiçara de um só tronco pela população caiçara.

⁷⁰ ALVES CAMARA JUNIOR Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil 1937 p.11-12

⁷¹ ANTONIO ALVES CAMARA Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil 1937 p.13-14

Este plano de salvaguarda contempla os seguintes aspectos:

1- Valorização dos mestres e apoio à transmissão de seus saberes e fazeres às gerações mais novas;

Através de projetos tais como:

O projeto “*Ponto de Cultura São Sebastião Tem Alma*”, que através de um acordo com a Polícia Ambiental e a Secretaria de Meio Ambiente de São Sebastião em São Paulo, os troncos caídos na mata são doados para confecção de canoas na sede do PCSSTA. A instituição mantém um canoeiro trabalhando e desde 1989, e foram construídas 26 canoas, sorteadas entre os pescadores artesanais locais;

O projeto “*Escola de Canoa Caiçara*” que pretende valorizar a fabricação de canoas artesanais caiçaras em Ilhabela, S.P.. Segundo o idealizador, Nivaldo Simões, “Desta maneira faremos um resgate de uma tradição, a fabricação de canoas caiçaras em Ilhabela. Se não fizermos algo agora, daqui há dez ou quinze anos a arte de “tirar canoas” caiçaras poderá estar irremediavelmente perdida”;

O protocolo de intenções assinado entre o Instituto Chico Mendes e o IPHAN para integrar o “*Projeto Barcos do Brasil*” que visa resgatar a tradição da construção e uso das embarcações artesanais no País. Além de identificar mestres construtores que possam transmitir seus conhecimentos aos mais jovens, o Instituto se comprometeu a repassar a madeira apreendida em operações nas unidades de conservação para as comunidades tradicionais fabricarem seus barcos por meio de acordo firmado entre os ministérios do Meio Ambiente e da Cultura.

2- Melhoria das condições de acesso a matérias-primas;

Em seu trabalho, Verschleisser (1990), propôs soluções para a continuidade econômica, “não predatória”, do feitio destas embarcações e Wanda Maldonado (2001), também desenvolveu propostas para a busca de soluções sustentáveis de continuidade da arte de esculpir canoas.

Em 2007 foi assinado o Decreto Federal Nº 6.040 de 7 de fevereiro⁷² que garante aos povos e comunidades tradicionais seus territórios, e o acesso aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam para sua reprodução física, cultural e econômica.

A facilitação do acesso à matéria-prima passa primeiro pelo incentivo a práticas comunitárias de reflorestamento de espécies próprias para o feitio de canoas e pelo uso sustentado de árvores respaldado pelas legislações existentes, já que uma muda de guapuruvu⁷³ plantada hoje demorará entre 30 e 40 anos para tornar-se um bom “pau de canoa”.

Para que este respaldo jurídico existente saia do papel, é necessário um entendimento entre os diversos órgãos e gestores ambientais envolvidos para

⁷² http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm.

⁷³ *Schizolobium parahyba*, árvore linheira frondosa de crescimento relativamente rápido. Sua madeira levíssima é de pouca durabilidade e resistência embora resulte excelentes canoas.

que toda esta legislação específica seja reunida e debatida em um fórum único de onde saiam diretrizes regulatórias especiais para este fim, garantindo definitivamente a livre continuidade desta tradição cultural em cada um de seus sítios de origem. Hoje encontram-se muito dispersas e desconectadas as informações e decisões relativas ao uso de indivíduos arbóreos para benefício de populações tradicionais, em especial para os mestres canoeiros caiçaras.⁷⁴

3- Registro de direitos de imagem e de propriedade intelectual em benefício das populações tradicionais detentoras deste patrimônio;

Viabilizar o registro da marca “*Canoa Caiçara*” em benefício dos mestres, será uma boa garantia de salvaguarda na medida em que, se algum evento for se utilizar da palavra canoa caiçara em sua divulgação, deverá contatar a “casa de cultura” ou assemelhado local e expor o acervo disponível relacionado ao feitio da canoa caiçara e se possível apresentar um mestre local confeccionando a canoa caiçara, remunerado para isso, como já acontece em alguns eventos no litoral norte de São Paulo. Poderá também ser criado um fundo estadual com os recursos de direitos autorais arrecadados para viabilizar oficinas comunitárias de transmissão de saber e reflorestamento.

4- Promoção e divulgação de ações de sensibilização da sociedade para o reconhecimento da importância do bem cultural;

Apoiar oficinas e projetos de pesquisa, registro e transmissão das práticas relacionadas ao feitio da canoa caiçara para o público em geral, como alguns dos exemplos abaixo, já realizados:

Livros e pesquisas, “**Com quantas memórias se faz uma canoa**”, onde foram catalogadas mais de 400 canoas⁷⁵ em 36 praias do município de Ubatuba, S.P.;

Documentários, “**Canoa caiçara**”, Videofau/IO-USP;⁷⁶

Registros em vídeo, “**Registro dos saberes e fazeres da canoa caiçara de Ubatuba**”⁷⁷, APE/Ypse Comunicação;

Projetos de extensão, “**Construção de canoa caiçara**” em parceria com a Sectur e a Fatec que, em São Sebastião, S.P., visando ensinar as técnicas de construção da canoa caiçara a fim de que o conhecimento e a tecnologia envolvidos sejam entendidos, respeitados e perpetuados pelos alunos participantes.⁷⁸

⁷⁴ A dificuldade de acesso à informação e de comunicação entre os mestres e os órgãos gestores, faz com que o acesso legalizado ao tronco seja tido como quase impossível pelas comunidades.

⁷⁵ <http://www.costabrasilis.org.br/projetos/canoas/CanoasFrame.html>.

⁷⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=fVTDBYidEUA>.

⁷⁷ <http://canoadepau.blogspot.com/2011/05/dvd-feitio-da-canoa-caicara.html> e http://www.o_ubatubense.jex.com.br/ubatuba+news/ubatuba+amyr+klink+participa+de+oficina+de+feitio+da+canoas+caicara+em+ubatuba.

⁷⁸ <http://www.fatecsaosebastiao.com.br/noticia.php?cd=29>.

5- Aprovação de legislação específica.

Todos estes aspectos retratados neste tópico podem ser reforçados através da aprovação de leis que os contemplem nas esferas municipais e estaduais, aumentando o respaldo jurídico para a proteção, salvaguarda e transmissão deste patrimônio e também valorizando os mestres através da concessão de diplomas, medalhas e benefícios fiscais como já ocorre em algumas localidades.

Até o ano de 2007, 12 estados brasileiros já tinham legislação de preservação do patrimônio cultural imaterial e outros três tinham projetos de lei, como o Rio de Janeiro, o Rio Grande do Norte e São Paulo.⁷⁹

11- FONTES BIBLIOGRÁFICAS.

ALMEIDA, Antonio Paulino de, Usos e costumes praianos. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna (Org.) **Enciclopédia caiçara**. São Paulo: HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2004. v. 4. p. 47-75.

BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa do. **Debret e obras: – obra completa 1816-1831**. Rio de Janeiro: Capivara, 2008.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, **Projeto Barcos do Brasil**. Brasília, 2009.

Canoa: In: ACABAYA, Marlene Milan. et al. **Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira-Edusp, 2001. v. 5. p. 65-68.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Historia dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria municipal de cultura: FAPESP, 1992 (fragmentos de historia e cultura tupinambá) 393 p.

DENADAI, Márcia Regina. et al. **Com quantas memórias se faz uma canoa**. São Paulo: Edição do autor, 2009. 212 p.

D´ALESSIO, Vito; PASCALICCHIO, Daniel. **Dias de caiçara**. São Paulo: Editora Dialeto Latin American Documentary, 2006. 118 p.

JUNIOR, Gilberto Chieus. Dialogando sobre a construção de canoas. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna (Org.) **Enciclopédia caiçara**. São Paulo: HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2004. v. 4. p. 439-442.

JUNIOR, Gilberto Chieus. **Matemática caiçara: etnomatemática contribuindo na formação docente**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 119 p.

⁷⁹ Castro, Maria Laura Viveiros de. Patrimônio imaterial no Brasil / Maria Laura Viveiros de Castro e Maria Cecília Londres Fonseca. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.199 p. Em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001808/180884por.pdf>.

LAGO, Pedro Corrêa do; LAGO, Bia Corrêa do. **Coleção Princesa Isabel fotos Marc Ferrez**. Rio de Janeiro: Capivara, 2008.

MALDONADO, Wanda. A construção material e simbólica da canoa caiçara em Ilhabela. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna (Org.) **Enciclopédia caiçara**. São Paulo: HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2004. v. 1. p. 297-320.

MALDONADO, Wanda. **Da mata para o mar: a construção da canoa caiçara em ilhabela/sp**. 2001. Dissertação (Mestrado) Programa de pós-graduação em ciência ambiental (PROCAM) Universidade de São Paulo. São Paulo. 152 p.

MUSSOLINI, Gioconda. **Ensaio de antropologia indígena e caiçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 290 p.

NAVARRO, Flávia Suárez ET AL, **Caiçara, a fartura de um povo na Salmoura**. São Paulo, Páginas e Letras Editora e Gráfica, 2007. 58p.

NÉMETH, Peter Santos. **Glossário Caiçara de Ubatuba**. São Paulo: All Print, 2010. 131p.

OLIVEIRA, Washington de. **Ubatuba: lendas e outras histórias**. Ubatuba: Edição do autor, 1983. 107p.

RIBAS, Marcos Caetano; RIBAS, Rachel Joffily. **“O modo de fazer (estudo de alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty)”**, Paraty, 1984. 49p.

RODRIGUES, André Cândido Delavy. **O olhar etnomatemático na confecção de uma canoa**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) Universidade Federal do Paraná. Paraná. 99 p.

SECKENDORFF, Roberto William Von; GUEDES, Venâncio. **Abordagem histórica da pesca da tainha do parati no litoral norte de São Paulo**. ISSN 1678-2283 Instituto de Pesca Ser. Relat. Téc. SP nº28 jun/07. ftp://ftp.sp.gov.br/ftppesca/serreltec_28.pdf. Acesso em: 24 maio 2011.

SETTI, Kilza. **Ubatuba nos cantos das praias**. São Paulo: Ática, 1985, 293p.

SCHMIDT, Carlos Borges. Alguns aspectos da pesca no litoral paulista. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna (Org.) **Enciclopédia caiçara**. São Paulo: HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2004. v. 4. p. 149-170.

STADEN, Hans. **A verdadeira história dos selvagens, nus e selvagens devoradores de homens, 1548 - 1555**. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Dantes, 1999. 190 p.

VERSCHLEISSER, Roberto. **Com quantos paus se faz uma canoa um estudo de casos**. 1990. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Escola de Belas Artes UFRJ. Rio de Janeiro. 203 p.

Vídeos:

Canoa caiçara. Dir. Luiz Bargmann Netto. VideoFau - USP. São Paulo, 2009.

Registro dos saberes e fazeres da Canoa Caiçara de Ubatuba. Dir. Luiz Bargmann Netto. APE-Ypse Comunicação. Ubatuba, 2010.

CANOA CAIÇARA. <http://www.youtube.com/watch?v=fVTDBYidEUA>
Acesso em: 25 out 2011.

FUNDART2010. Corrida de canoas 2010.
<http://www.youtube.com/watch?v=N2BSCHO8zUo&feature=related>
Acesso em: 24 maio 2011.

O CANTO DAS CANOAS.
<http://www.lisa.usp.br/producao/videos/catalogoCantoDasCanoasWMV.shtml>
Acesso em: 28 maio 2011.

TERRACAIÇARA. Festa dos agricultores no ubatumirim 5.
<http://www.youtube.com/watch?v=8N6xW6EW6jl> Acesso em: 24 maio 2011.

TERRACAIÇARA. Festa dos agricultores no ubatumirim 6.
http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=pdJXPdJ_EhQ Acesso em: 24 maio 2011.

TERRACAIÇARA. Sertão do ubatumirim 3 – Ubatuba.
http://www.youtube.com/watch?v=_KpUteMGvSk&feature=related Acesso em: 24 maio 2011.

THEJACCOUD. A mãe do ouro.
<http://www.youtube.com/watch?v=lc7BcQEBBps> Acesso em: 24 maio 2011.

LFRL1986. Canoa indígena - São Vicente de Minas/MG.
<http://www.youtube.com/watch?v=D-DnxHH52Yw&NR=1> Acesso em: 12 ago 2011.

SOCIOAMBIENTAL. Oficina de Construção de Canoa na Terra Indígena Yanomami. <http://www.youtube.com/watch?v=uDX2BzUFQA4> Acesso em: 20 set 2011.

PAIKE01. Eesti loodus. Haabjas (2.osa).
<http://www.youtube.com/watch?v=3ify-3h5TFA> Acesso em: 12 ago 2011.

PAIKE01. Soomaa ühepuupaat .
<http://www.youtube.com/watch?v=1Y3VunqO0Cs> Acesso em: 12 ago 2011.

RENATASOUZALITORAL. Evaldo Canoa caiçara.

<http://www.youtube.com/watch?v=21hw-1rj-v4> Acesso em: 22 ago 2011.

CICEROSPIRITUS. Antonio Rafael - parte 1.

<http://www.youtube.com/watch?v=-dXQV3owBZc> Acesso em: 23 ago 2011.

CICEROSPIRITUS. Antonio Rafael - parte 2.

<http://www.youtube.com/watch?v=pi5ldfuaEFo> Acesso em: 23 ago 2011.

Sites da Internet:

<http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/canoas.htm> Acesso em: 19 set 2011.

http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=14349 Acesso em: 19 set 2011.

<http://tempodoshomens.blogspot.com/2011/04/em-funcao-da-nova-realidade-do-periodo.html> Acesso em: 16 jun 2011

<http://algarvivo.com/arqueo/neolitico/pedra-ferramentas-1.html> Acesso em: 16 jun 2011.

<http://arqueo.org/mesolitico/index.html> Acesso em: 16 jun 2011.

<http://www.flickr.com/photos/museumwales/3654034644/> Acesso em: 05 ago 2011.

<http://ina.tamu.edu/library/tropis/volumes/3/Sleeswyk,%20Andr%C3%A9%20-%20A%20technological%20problem%20of%20the%20dugout.pdf> Acesso em: 26 set 2011.

<http://www.guinnessworldrecords.com/search/Details/Earliest-vessel/43763.htm> Acesso em: 21 jun 2011.

<http://wysinger.homestead.com/canoe.html> Acesso em: 05 ago 2011.

http://realhistoryww.com/world_history/ancient/Misc/Ancient_American_affinities/American_affinities.htm Acesso em: 19 set 2011.

<http://www.biomania.com.br/bio/conteudo.asp?cod=2646> Acesso em: 08 ago 2011.

<http://historiadapre-historia.blogspot.com/2008/03/perodo-neoltico.html> Acesso em: 05 ago 2011.

<http://revistaescola.abril.com.br/historia/fundamentos/era-glacial-era-do-gelo-485196.shtml> Acesso em: 05 ago 2011.

<http://www.flickr.com/photos/soomaa/2780580734/in/photostream/> Acesso em: 23 set 2011.

http://pvs.kcc.hawaii.edu/ike/kalai_waa/plants_and_tools.html Acesso em: 22 set 2011.

<http://ulukau.org/elib/cgi-bin/library?c=hcbt&l=en> Acesso em: 22 set 2011.

<http://www.flickr.com/photos/34784522@N04/3229557351/in/photostream/> Acesso em: 19 set 2011.

http://es.wikisource.org/wiki/Diario_de_a_bordo_del_primer_viaje_de_Crist%C3%B3bal_Col%C3%B3n:_texto_completo Acesso em: 06 jun 2011.

<http://www.loc.gov/pictures/resource/cph.3b00422/> Acesso em: 19 set 2011.

<http://lcweb2.loc.gov/service/pnp/cph/3b00000/3b00000/3b00400/3b00422r.jpg> Acesso em: 19 set 2011.

<http://www.loc.gov/pictures/resource/cph.3b01978/> Acesso em: 19 set 2011.

<http://lcweb2.loc.gov/service/pnp/cph/3b00000/3b01000/3b01900/3b01978r.jpg> Acesso em: 19 set 2011.

<http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/textos/magalhaes1999/Capitulo-6.pdf> Acesso em: 14 jun 2011.

http://www.bvp.org.py/biblio_htm/dobrizhoffer1/dos.htm Acesso em: 14 jun 2011.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1255454/mss1255454.pdf Acesso em: 15 ago 2011.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994/icon94994_129.jpg Acesso em: 23 out 2011.

http://www.filologia.org.br/xiicnlf/16/volume_completo.pdf Acesso em: 14 jun 2011.

<http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/pdfRmibrulFs.pdf> Acesso em: 09 ago 2011.

<http://www.anmpn.pt/eventos/2008/eventos20081009.htm> Acesso em: 09 ago 2011.

<http://www.brasiliana.com.br/obras/ensaio-sobre-as-construcoes-navais-indigenas-do-brasil/pagina/86/texto> Acesso em: 31 ago 2011.

<http://187.16.250.90:358/dami/handle/acervo/410> Acesso em: 23 out 2011.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon372201_95/icon372249.jpg Acesso em: 22 set 2011.

<http://www.pintoresdorio.com/index.php?area=artistas&artista=55> Acesso em: 12 ago 2011.

http://www.querodiscutiromeuestado.rj.gov.br/CMS/uploads/publicacoes/09.08.13-09.37.56-diagnostico_pesca_maritima_comercial_rio_de_janeiro.pdf
Acesso em: 22 set 2011.

<http://www.memoriacaicara.com.br/projeto.html> Acesso em: 17 ago 2011.

<http://www.cidadespaulistas.com.br/prt/cnt/mp-litoral.htm> Acesso em: 27 out 2011.

http://www.revistamuseu.com.br/noticias/not.asp?id=15638&MES=/2/2008&max_por=10&max_ing=5 Acesso em: 19 set 2011.

<http://www2.uol.com.br/jornalasemana/edicao137/materia3.htm> Acesso em: 20 set 2011.

<http://www.clements.umich.edu/exhibits/online/american-encounters/american-encounters-women.php> Acesso em: 28 set 2011.

http://www.ubaweb.com/revista/g_mascara.php?grc=34434 Acesso em: 13 jun 2011

<http://www.povosdomar.com.br/pcssta06.htm> Acesso em: 20 set 2011.

<http://www.caiiaquesopium.com.br/main.php?cat=clube/index&sec=8&ch=1>
Acesso em: 20 set 2011.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994/icon94994_129.jpg Acesso em: 15 ago 2011.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1255454/mss1255454.pdf Acesso em: 15 ago 2011.

<http://bndigital.bn.br/pesquisa.htm> Acesso em: 15 ago 2011.

http://www.ufrj.br/cpda/static/teses/dissertacao_julia_manso_2010.pdf Acesso em: 26 set 2011.

http://www.jornalcanalaberto.com.br/fttexto/file/A_canoa_de_um_pau_so.pdf
Acesso em: 03 dez 2008.

http://www.igespar.pt/media/uploads/cnans/21/TC21Def_p_Imp.pdf Acesso em: 26 set 2011.

<http://www.cultura.gov.br/site/2007/09/26/patrimonio-imaterial/> Acesso em: 23 set 2011.

<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001808/180884por.pdf> Acesso em: 26 set 2011.

http://www.crespial.org/new/public_filesfile/pci-brasil.pdf Acesso em: 26 set 2011.

http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materias&cod_editoria=20&cod_materia=16818 Acesso em: 26 set 2011.

<https://nautica.websiteseuro.com/noticias/viewnews.php?nid=ult46c7882b25f45f6fb032f4ed49eee8dd> Acesso em: 26 set 2011.

http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materias&cod_editoria=20&cod_materia=8468 Acesso em: 26 set 2011.

<http://www.costabrasilis.org.br/projetos/canoas/CanoasFrame.html> Acesso em: 26 set 2011.

<http://www.fatecsaosebastiao.com.br/noticia.php?cd=29> Acesso em: 26 set 2011.

<http://canoadepau.blogspot.com/2011/05/dvd-feitio-da-canoa-caicara.html>
Acesso em: 25 out 2011.

http://www.o_ubatubense.jex.com.br/ubatuba+news/ubatuba+amyr+klink+participa+de+oficina+de+feitio+da+canoas+caicara+em+ubatuba Acesso em: 25 out 2011.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm
Acesso em: 28 set 2011.

<http://www.chm.org.br/exposicao2.php> Acesso em: 25 maio 2011.

12- ANEXOS

Glossário:

25 linhas – Alusão ao conhecimento tácito do mestre canoero das 25 linhas guias básicas necessárias à confecção de uma canoa perfeita.

A olho – Feito sem régua, medida ou plano em papel.

À pano – O mesmo que à vela, ou movido pelo vento

Adjutório – O mesmo que mutirão, ajuda coletiva sem pagamento.

Alcatrão – substância betuminosa, espessa, que se obtém da destilação do carvão mineral, usada para impermeabilizar madeiras.

Alegre – Pequena faca de lâmina dobrada em meia-lua, para esculpir detalhes.

Almadia – Nome dado às embarcações mouras de um só tronco escavado.

Amura – Cada face lateral da proa de uma embarcação.

Arco de pua – Ferramenta manual, manivela de furar com broca.

Aroeira – Tipo de arbusto de cuja casca se extrai tinta conservativa.

Arraso – Nivelamento da tora da canoa onde será a boca.

Arraso por fora – Nivelamento da tábua do fundo da canoa.

Aprumar – Colocar a prumo em relação à gravidade, nivelar.

Artes de pesca – Conjunto de técnicas pesqueiras tradicionais.

Autonomia – Capacidade de governar a si próprio.

Azeite de noga – Tipo de óleo extraído da semente da noga.

Baliza – Cilindro de madeira da espessura de um lápis, cujo comprimento serve de guia para esculpir a o casco de uma canoa.

Banco da popa – Assim chamado o banco traseiro de uma canoa.

Banco da proa – Assim chamado o banco dianteiro de uma canoa.

Banco do meio – Assim chamado o banco móvel traseiro de uma canoa.

Bandoleira – Atributo de uma canoa instável, insegura.

Barrote – Trava interna para reforço dos bordos do corte de canoa.

Bater linha – Técnica de imprimir um risco guia com pó de carvão e barbante.

Beque da proa – A parte mais alta da ponta da proa de uma canoa caiçara.

Bergado – Cada face lateral inferior externa da proa de uma canoa, situada entre a garra e o bojo, que determina a entrada de água pela proa, bochechas.

Boca – A largura transversal da parte interna da canoa na altura dos bordos, medida determinada pela circunferência da árvore dividida por 4.

Bojo – Assim chamada a curvatura externa do casco da canoa entre a buçada, o boleado da popa e a tábua do fundo.

Boleado da popa – Cada face lateral inferior externa da popa de uma canoa, situada entre a garra e o bojo, que determina a saída de água pela popa.

Bolina – Quilha móvel presa entre o casco e a água em uma embarcação à vela, que dificulta a derivação, permitindo navegar diagonalmente ao vento.

Borda lisa – Característica de uma canoa sem o acréscimo de bordadura.

Bordadura – Borda falsa, sarrafo acrescentado num ângulo de 45° ao bordo de uma canoa, aumentando sua capacidade de carga.

Bordo – Cada parte lateral superior de uma canoa.

Branco da madeira – Parte mole da madeira entre o cerne e a casca.

Breu – Resina do pinheiro usada para impermeabilização náutica.

Buçada – Cada bochecha da proa de uma canoa, o mesmo que bergado.

Caco de vidro – Ferramenta de acabamento que consiste num pedaço de garrafa quebrada, para dar acabamento fino aos remos caiçaras.

Camaradas – Companheiros que se ajudam mutuamente em comunidade.

Canoa baiana – Tipo de embarcação tradicional à vela da região da Bahia.

Canoa batelão – Tipo de canoa borda lisa, geralmente curta e larga (menos que 5.5 bocas de comprimento), feita para carga aproveitando-se a parte da ponta de um pau de canoa.

Canoa bordada – Tipo de canoa que possui acréscimo de bordadura.

Canoa de pesca – Tipo básico que caracteriza a canoa caiçara com 7.5 bocas de comprimento, relação ideal de dimensões visando a estabilidade, manobrabilidade e segurança de navegação.

Canoa de voga – Canoas gigantescas que transportavam carga no início do séc. XX, movidas à remo de voga e velas.

Canoa regata – Tipo de canoa cuja relação entre a boca e comprimento é superior a 9 vezes, prioriza a velocidade em detrimento da estabilidade, é utilizada no litoral sul de São Paulo na pesca da manjuba.

Carrinca – Encaixe maciço esculpido exatamente abaixo do centro dos bancos de uma canoa para encaixe do pé do mastro do traquete.

Cava de casa – Corte raso e plano feito num morro para acomodar uma casa, testemunha de que no passado alguém ali habitou.

Cavername – Reforço estrutural de madeira interno ao casco.

Cavoque bruto – Etapa do feitiço de uma canoa em que volume de madeira é grosseiramente retirado de seu interior para reduzir peso do corte de canoa.

Cepilhar – O mesmo que aplainar, alisar com o cepilho.

Cerne – Miolo central duro e resistente de certos tipos de árvores.

Chacreira – Tipo de canoa feita com pranchões, antigamente usada no Rio Grande do Sul para o transporte de cargas.

Chazo – Tipo de âncora pequena feita de concreto e vergalhões.

Chumaceiras – Reforços deixados nos bordos de uma canoa para suportar os bancos ou os toletes onde se fixam os remos de voga.

Cinta dos bordos – A faixa lateral superior externa dos bordos em formato de meia-lua.

Corte da canoa – Fase inicial da confecção de uma canoa.

Corte de canoa – Nome genérico de uma canoa em sua fase de feitiço bruto.

Cruzeta – Linha transversal que se cruza bem no meio da linha mestra, determinando a largura da tábua do fundo de uma canoa caçara.

Cultura – origina-se de *colere* – cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar.

Curva do encolamento – Curvatura que une a tábua do fundo aos bordos de uma canoa, determina o tipo de bojo da canoa.

Desbojar – Fase em que as laterais do corte da canoa são falquejadas com o machado ou motosserra, determinando o ângulo dos bordos em relação à boca da canoa.

Design – Desenho, estilo, forma, concepção de um modelo.

Embanicar – Fase de confecção e colocação dos bancos de uma canoa.

Embira – Tipo de cipó usado para amarração, ou corda feita de cipó.

Encolamento – face curva externa do bojo de uma embarcação.

Enxó – Ferramenta cortante essencial para o feitiço de canoas.

Enxó chato – Tipo de enxó de lâmina reta, para modelar superfícies planas.

Enxó de duas mãos – Enxó de cabo longo usado na fase de cavoque bruto.

Enxó goiva – Tipo de enxó cujas laterais da lâmina são curvadas para cima, ideal para o acabamento de faces côncavas ou convexas da canoa.

Esculturação – Ato de confeccionar, esculpir.

Esgotar a canoa – Ato de retirar a água que acumula numa canoa.

Espelho de popa – Face plana superior externa da popa de uma canoa.

Estiva – Conjunto de paus justapostos paralelamente para suportar peso.

Estrondar – O mesmo que rachar, romper, estourar.

Expropriação – Exclusão de alguém da posse de uma propriedade por meios judiciais.

Fandango – Nome genérico das festividades ou comemorações caiçaras compostas por música e dança.

Feitio – Tipo de construção, design ou característica estética de uma canoa ou de uma técnica construtiva, seu estilo reconhecível.

Feitio da canoa – Processo de construção de uma canoa.

Formão – Instrumento de corte usado em carpintaria.

Fundo chato – Tipo de fundo de uma canoa que proporciona estabilidade.

Fundo de telha – Tipo de fundo de canoa que proporciona instabilidade.

Furos de baliza – Furos onde são inseridas as balizas.

Ganchada – As forquilhas de uma árvore.

Garateia – Tipo de âncora pequena feita de concreto e vergalhões.

Garra – Cada extremidade inferior da proa e da popa da canoa, responsável pelo equilíbrio lateral e pelo corte da água no deslocamento.

Garra da popa – A garra traseira de uma canoa.

Garra da proa – A garra frontal de uma canoa.

Goiva – Nome genérico do enxó goiva.

Goivada – O mesmo que encurvada, côncava, curva.

Gonguito – Tipo de bagre cujo caldo considera-se energético.

Grota – Vale ou sulco profundo entre as encostas.

Guacá – Tipo de madeira resistente e flexível, especialmente utilizada para o feitio de remos, ao ser molhada pela primeira vez, adquire uma cor púrpura característica.

Haabjas – Tipo de canoa da região de Soomaa na Estônia, leste europeu.

Ibérico – Relativo à península Ibérica, onde estão Portugal e Espanha.

Igaras – Assim chamadas as ubás quando feitas da casca do jatobá.

Igarité – Tipo de montaria de maior porte equipada com velas e tolda.

Jacatirão – Tipo de árvore de cuja casca se extrai através da cocção um tipo de tinta protetora.

Limpar a canoa – Fase inicial do feitio de uma canoa, desde o arraso até o acabamento grosso.

Linha do bojo – Linha marcada a carvão que determina a cinta do bordo.

Linha mestra – Linha principal de referência marcada a carvão que divide o fundo da canoa longitudinalmente ao meio.

Maluca – Característica de uma canoa instável, bandoleira.

Mangue – Tipo de árvore de cuja casca se extrai através da cocção um tipo de tinta protetora.

Mesa – Assim chamada a face plana superior resultante do arrasamento da boca de uma canoa.

Mestre – Como geralmente é chamado o detentor de conhecimentos tradicionais especiais.

Mestre canoeiro – O mestre construtor de canoas.

Mezena – O conjunto de mastro, verga e vela de formato triangular que era posicionado no banco do meio das canoas de voga.

Monóxilas – Denominação das embarcações feitas de um só tronco escavado, do grego *monoxylon*.

Montarias – Tipo de canoas escavadas a fogo e fechadas na proa por uma peça redonda chamada rodela.

Mutirão – Trabalho coletivo comunitário não remunerado.

Náutico – Relativo à navegação ou capacidade de navegar.

Nivelar – Deixar nivelado em relação à uma superfície plana.

Noga – Tipo de noz, cujo miolo é rico em óleo.

O corte – Assim chamado o tronco da árvore durante os primeiros estágios do feitio.

Oralidade – capacidade de transmissão pela fala.

Pançudinha – característica de uma canoa de bojo bem esculpido.

Pano – assim chamado genericamente o conjunto de mastro, verga e vela, dos traquetes e mezenas.

Patilha – O mesmo que garra, um tipo de quilha das canoas.

Patrão – O mestre ou comandante de uma embarcação.

Pau de canoa – Qualquer árvore ideal para se fazer uma canoa.

Pensa – Fora de nível, caída para um lado quando flutuando.

Pesqueiro – Local tradicional de pesca, conhecido e denominado por nomes próprios.

Picada – Trilha aberta na mata para ser transitada.

Piperis – Nome das jangadas primitivas, impulsionadas por varejões.

Pique – A ponta mais alta da proa da canoa, o mesmo que beque.

Pirajica – Tipo de peixe, cujo caldo considera-se afrodisíaco.

Piroga – Tipo de embarcação monóxila primitiva, com cavername maciço.

Prumo – Instrumento de nivelamento por gravidade composto por um pêndulo.

População tradicional – Grupos humanos culturalmente diferenciados, fixados numa determinada região, historicamente reproduzindo seu modo de vida em estreita dependência do meio natural para sua subsistência.

Puxada – Etapa de transporte do corte de canoa do mato para a praia.

Quitandas – Produtos vegetais e frutos produzidos nas roças.

Remendo – O mesmo que conserto, ou pedaço de madeira colado, usado para este fim.

Remo caiçara – Remo específico, em formato de gota pontiaguda.

Remo de voga – Remo especial para remar grandes canoas de voga, tem a ponta quadrada e o cabo muito comprido.

Rodela – Peça redonda de madeira, que sela a proa das montarias.

Rodo – O mesmo que a medida da circunferência de um tronco, perímetro.

Sambaqui – Depósito de conchas, feitos pelos homens primitivos.

Segura – Característica de uma canoa estável, firme.

Sobrepopa – Peça esculpida para integrar ou aumentar a popa da canoa.

Sobreproa – Peça esculpida para integrar ou aumentar a proa da canoa.

Subsistência – Conjunto dos recursos necessário para a manutenção da vida; sustento; conservação; permanência.

Tábua do fundo – O polígono plano do fundo de uma canoa caiçara.

Tempo antigo – Alusão saudosista ao passado caiçara.

Terço de ré – A terça parte frontal da canoa caiçara.

Terço de vante – A terça parte traseira da canoa caiçara.

Tinta de casca – Tipo de tinta protetora extraída através da cocção de certos tipos de casca de árvores.

Tombadilho – Assim chamado o banco removível traseiro de uma canoa caiçara.

Torar – O mesmo que cortar transversalmente um tronco.

Tosamento – O grau da curvatura longitudinal ascendente da boca de uma canoa.

Toso – A curvatura ascendente longitudinal da boca de uma canoa.

Traquete – O conjunto de mastro, verga e pano de formato retangular que era instalado no banco da proa das canoas de voga.

Tucho – pequeno cilindro de madeira, colado para tapar furos.

Ubá – Nome genérico indígena das canoas escavadas a fogo, machado ou enxó.

Unidades de conservação – Porções delimitadas do território nacional especialmente protegidas por lei pois contém elementos naturais de importância ecológica ou ambiental.

Vazante da lua – Fase da lua que corresponde entre 3 dias antes e 3 dias depois da lua nova.

Vela latina – Vela triangular ou quadrangular, com um dos lados preso em mastro ou mastaréu, e que trabalha no sentido proa-popa.

Vela redonda – Vela quadrangular envergada horizontalmente no sentido de bombordo a boreste.

Vento da madeira – Fenômeno descrito pelos mestres canoieiros, em que uma madeira racha interminavelmente por ter sido colhida na lua errada.

Vernáculo – Característico de um país ou de uma região.

Verruma – Tipo de broca manual usada em arcos de pua.

Verrumar – Ato de se furar com a verruma para se determinar a espessura do casco de uma canoa.

Voga – Tipo ou estilo de remada, o mesmo que canoa de voga.

Zarcão – Tipo de tinta industrial protetora a base de óxido de chumbo.

Principais qualidades de madeira úteis na confecção de canoas caiçaras: (Vershleisser 1990, Maldonado 2001, Denadai 2009 e Németh 2010).

Angelim

Angico

Araçarana

Arecura

Bicuíba

Cajarana

Canafístula

Canela

Canela amarela

Canela de cebo

Canela de prego

Canela preta

Caobi

Caobirana

Carquera da crespá

Cedrinho

Cedro

Cedro rosa

Embiruçu vermelho

Figueira

Figueira branca

Goiti

Guapuruvu

Ingá

Ingá cajarana

Ingá de flexa

Ingá do amarelo

Ingá do branco

Ingá ferro

Jatobá vermelho

Jequitibá

Jequitibá rosa

Louro

Tarumã

Timbuíba

Urucurana

Vinhático

Ofício n. 04/2007 Associação Pescadores da Enseada:



ASSOCIAÇÃO PESCADORES DA ENSEADA

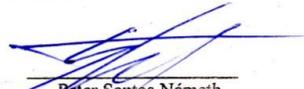
OFÍCIO No. 04/2007 Associação Pescadores da Enseada

Assunto: Solicitação de apoio à FUNDART em Projeto de Registro de Bem Cultural Imaterial junto ao IPHAN.

A associação sócio-ambiental "Pescadores da Enseada" é uma associação civil, de direito privado, sem fins lucrativos e econômicos, com sede localizada em caráter provisório à Rua Eduardo Graça 51, Praia da Enseada, e foro no município de Ubatuba, Estado de São Paulo, CNPJ 07.280.136/0001-41, que vem mui respeitosamente através de seu representante legal Peter Santos Németh, conselheiro presidente da A.P.E., RG 18.596.988, CIC 150.187.698-82, solicitar ao excelentíssimo Presidente da FUNDART, **Sr. Pedro Paulo Teixeira Pinto** e também ao Assessor Cultural **Sr. Ney Martins**, pesquisador da cultura tradicional caiçara, apoio técnico e anuência da FUNDART para elaboração em conjunto deste estudo, principalmente na fase dois prevista para os 18 meses subsequentes ao protocolo do requerimento no IPHAN, conforme os itens fornecidos pelo órgão em anexo.

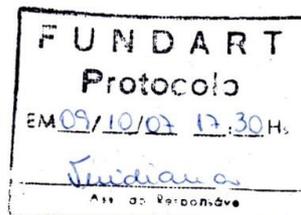
Onde serão necessários a sistematização dos conhecimentos e documentação sobre o bem cultural. Consideramos este projeto de grande importância na valorização da Cultura Tradicional Caiçara registrando seus saberes e fazeres ancestrais para as futuras gerações. Contamos com vosso apoio.

Atenciosamente:



Peter Santos Németh
diretor presidente
Ubatuba 7 de agosto de 2007.

Ilmo. Pedro Paulo Teixeira Pinto
A/C Ney Martins



Cartas de Apoio:



ASSOCIAÇÃO PESCADORES DA ENSEADA

CARTA DE APOIO

Ubatuba 16 de setembro de 2009

A associação sócio-ambiental “Pescadores da Enseada” é uma associação civil, de direito privado, sem fins lucrativos e econômicos, com sede localizada em caráter provisório à Rua Eduardo Graça 51, Praia da Enseada, e foro no município de Ubatuba, Estado de São Paulo, CNPJ 07.280.136/0001-41, que vem mui respeitosamente através desta carta de apoio, **indicar seu representante legal Peter Santos Németh, conselheiro presidente da A.P.E., RG 18.596.988, CIC 150.187.698-82, para o Projeto: “Projeto de Registro dos Saberes e Fazeres Relacionados ao Feitio da Canoa Caiçara Monóxila”.** Projeto do qual temos conhecimento e apoiamos sua realização.

Colocamo-nos a disposição para qualquer outro esclarecimento que vier a ser necessário.

e-mail: bambuluz@yahoo.com.br

fone: 12 97692233

Atenciosamente:

Peter Santos Németh
diretor presidente da APE

Elder dos Santos Giraud
diretor vice-presidente da APE

Antenor dos Santos
conselheiro da APE

James Jardim da Graça
conselheiro da APE



NUPAUB – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP
Center for Research on Human Population and Wetlands in Brazil - USP

São Paulo, 29 de novembro de 2011

Prezado sr (a)

O Nupaub- Núcleo de Pesquisa de Populações Humanas e Áreas Úmidas da Universidade de São Paulo tem o prazer de manifestar seu apoio à demanda da Associação Pescadores da Enseada, em Ubatuba para o registro junto ao IPHAN como bem cultural imaterial brasileiro da canoa caiçara, de um só tronco e dos saberes relacionados ao ofício da construção dessa embarcação usada no território caiçara. Essa embarcação tradicional é um dos símbolos mais importantes da cultura caiçara.

Atenciosamente



Prof. Antonio Carlos Diegues

Diretor Científico do Nupaub-USP

Rua do Anfiteatro, 181 – Colméia – Favo 6 – Universidade de São Paulo – Cidade Universitária.
CEP: 05508-900 – SP – Brasil. Telefone 00 55 (11) 3091-3142 – 3091-3425
Fax: 00 55 (11) 3813-5819. E-mail: nupaub@org.usp.br / Site: www.usp.br/nupaub



Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba

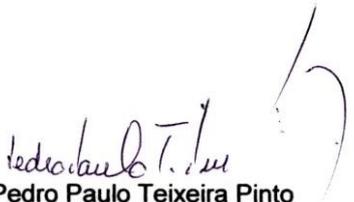
Ubatuba, 30 de novembro de 2011

Ofício Nº 149/PR/2011

Prezado(a) Senhor(a)

A Fundart – Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba tem o prazer de expressar seu apoio à solicitação da Associação de Pescadores da Enseada, de Ubatuba, para o registro junto ao IPHAN como bem cultural imaterial brasileiro da canoa caiçara, de um só tronco, bem como dos saberes relacionados ao ofício da construção dessa embarcação, que se configura como um dos principais e mais importantes ícones da cultura caiçara.

Atenciosamente



Pedro Paulo Teixeira Pinto

Fundart - Presidente
Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba



Ubatuba, 30 de Novembro de 2011.

CARTA DE APOIO

A Prefeitura Municipal de Ubatuba através da Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento – SMAPA onde essa atua no “Programa de Desenvolvimento Sustentável da Pesca, Agricultura e da Maricultura no Município de Ubatuba/SP” localizada na Av. Iperoig, 214- Centro, CNPJ 46482857/0001-96, vem mui respeitosamente manifestar apoio ao projeto: **“Registro da canoa caiçara de um só tronco e os saberes e fazeres relacionados à sua construção junto ao IPHAN como bem cultural Imaterial do Brasil”**.

Ressaltamos que a canoa de um só tronco é o mais importante instrumento de pesca muito utilizado por nossos pescadores artesanais em aproximadamente 90% de nossas praias .

Aproveitamos para parabenizar a Associação Pescadores da Enseada por essa relevante iniciativa.

Atenciosamente,

Valéria Cress Gelli

Secretária Municipal de Agricultura Pesca e Abastecimento



Ubatuba, 30 de novembro de 2011

Prezado(a) Sr(a),

A Fundação Pró-Tamar tem a satisfação de manifestar seu apoio à demanda da Associação Pescadores da Enseada de Ubatuba, para registro junto ao IPHAN, como bem cultural imaterial brasileiro, da canoa caiçara de um só tronco e dos saberes relacionados ao ofício da construção dessa embarcação utilizada no território caiçara. Esta embarcação tradicional é um dos símbolos mais importantes da cultura caiçara.

Atenciosamente,

Berenice M. G. Gallo
Coordenadora Regional São Paulo

FUNDAÇÃO PRÓ-TAMAR - COORDENAÇÃO REGIONAL SÃO PAULO
RUA ANTONIO ATHANASIO, 273 ITAGUÁ CEP 11.680 000 - UBATUBA - SP
TELEFAX: (0**12) 3832 62 02 3832 70 14 e mail: tamaruba@tamar.org.br
Entidade de Utilidade Pública Federal DECRETO 07/03/96

União dos Moradores da Juréia

Carta de Apoio

À Associação de Pescadores da Enseada

Referente: ao Projeto de Registro da Canoa Caiçara como “Bem Cultural do Brasil”

A União dos Moradores da Jureia (UMJ), cnpj: 057.741.878/0001-03, entidade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1990, com sede em Iguape, SP, que congrega as comunidades de moradores da Estação Ecológica Juréia-Itatins, dos municípios de Iguape e Peruíbe, representante Titular das Comunidades Tradicionais Caiçaras na CNPCT- Comissão Nacional de Desenvolvimento de Povos e Comunidades Tradicionais, vem através deste documento, manifestar apoio ao “Projeto de Registro dos Saberes e Fazeres Relacionados ao Feitio da Canoa Caiçara de um Pau só” por considerar essa prática tradicional pertencente a estes povos que a séculos vem construindo seus próprios instrumentos de trabalho e que contribuem para a formação do conhecimento da Cultura Brasileira.

Certos da importância deste projeto, nós colocamos a disposição para sua realização.

Atenciosamente.



Dauro Marcos do Prado, Caiçara.

Presidente da União dos Moradores da Jureia
Representante das Comunidades Tradicionais Caiçaras – CNPCT

13-81456662

dauro_itatins@yahoo.com.br

Ubatuba, 12 de dezembro de 2011

Carta APA-LN 124/2011

Ilmo. Sr.
Peter Santos Németh
Presidente
Associação Pescadores da Enseada – APE

Prezado Senhor,

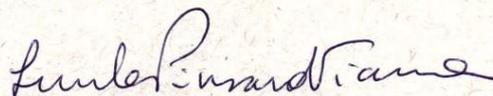
Vimos por meio desta apoiar a **solicitação de registro da canoa caiçara como bem cultural imaterial brasileiro junto ao IPHAN** (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Esta iniciativa é de suma importância para valorizar a cultura tradicional caiçara, registrando seus saberes e fazeres ancestrais para as futuras gerações.

A APA Marinha Litoral Norte é uma unidade de Conservação, cujo objetivo é promover o uso sustentável do seu território por meio do ordenamento das atividades que nela ocorrem. Por meio de acordos e consensos, constroem-se regulamentações e estabelece-se alternativas de convivência entre os diferentes usuários do mar.

Uma das estratégias fundamentais no processo de gestão da APA Marinha Litoral Norte é o resgate e valorização da identidade cultural e territorial do litoral norte, e, como decorrência imediata, o respeito ao modo de vida tradicional, seus saberes e fazeres.

A canoa caiçara é um elemento da cultura material do povo caiçara, que lhe confere identidade cultural e territorial, assim como o petrecho cerco-flutuante. Inclusive o cerco-flutuante, arte de pesca exclusiva dos caiçaras da região, foi objeto de discussão por quase dois anos no âmbito do conselho gestor da APAMLN.

Atenciosamente,



Lucila Pinsard Vianna
Gestora APA Marinha do Litoral Norte
Fundação Florestal/SMA



São Paulo, 12 de Dezembro de 2011.

Prezado Sr(a),

O Instituto Costa Brasilis – Desenvolvimento Sócio-Ambiental, organização não governamental atuante no litoral norte paulista, vem manifestar total apoio à demanda da Associação Pescadores da Enseada, em Ubatuba, para o registro da canoa caiçara de um só tronco e dos saberes relacionados à construção dessa embarcação como patrimônio imaterial brasileiro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O projeto “Com quantas memórias se faz uma canoa”, desenvolvido pelo Instituto Costa Brasilis, catalogou mais de 400 canoas de um só tronco em 36 praias do município de Ubatuba. Esse projeto mostrou que a tradição do uso da canoa vem sendo perdida e que os mestres canoieiros são cada vez mais raros. Assim, é de suma importância a preservação da canoa, que representa um ícone da tradição caiçara e é motivo de carinho e zelo para muitos pescadores e amantes do mar.

Atenciosamente,

Dra. Márcia Regina Denadai
Presidente Executiva
Instituto Costa Brasilis

Instituto Costa Brasilis
Desenvolvimento Sócio-Ambiental

Caixa Postal 32 CEP 11.680-970 Ubatuba SP Brasil



CNPJ: 05.691.839/0001-37

Ubatuba, 01 de dezembro de 2011.

Prezado Sr.(a)

O Museu Caiçara de Ubatuba, instituição que tem o intuito de resgatar, conservar e preservar os bens materiais e imateriais da cultura caiçara vem, através desta, manifestar seu apoio à intenção da Associação Pescadores da Enseada em registrar junto ao IPHAN como bem cultural e imaterial brasileiro a **canoa caiçara de um tronco só** e os saberes relacionados ao ofício da construção dessa embarcação usada no território caiçara. Essa embarcação tradicional é um dos símbolos mais importantes da cultura caiçara.

Herança dos Tupinambá, a nossa cidade recebeu o nome de Ubatuba, que significa lugar de muitas canoas.

Atenciosamente.

Mariza Santos Taguada

Presidente do Museu Caiçara – RG.: 5.772.630

Júlio César Mendes

Vice-presidente do Museu Caiçara – RG.: 13.156.768-8

Associação dos Amigos do Museu Caiçara - AAMuC
Rua Pescador "Antonio Athanásio da Silva", 273 – B°.do Itaguaí
Município de Ubatuba – SP. - cep: 11.680-000
VISITE O MUSEU CAIÇARA: www.muscai.com.br